

O MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

1993



O ANO DO PASTOR

O MINISTÉRIO

ADVENTISTA

Ano 64 - Número 1 - Jan/Fev. 1993 - Periódico Bimestral
Uma Revista Para Pastores e Obreiros

EDITORIAL

O ANO DO PASTOR

José Amasias Justiniano

ARTIGOS

4 O SÁBADO QUE FOI CRAVADO NA CRUZ

Kevin L. Morgan

9 CUIDADO COM OS MINISTROS DE LIBERTAÇÃO

John Glass

12 A IGREJA PRECISA MANTER O PADRÃO

J. David Newman

16 INDENTIDADE ADVENTISTA E O CRITICISMO EVANGÉLICO

C. Raymond Holmes

21 LIBERDADE PARA O CATIVO LEGALISTA

Martin Weber

24 DISCIPLINA: UM COMPONENTE DA MISSÃO

José Cândido Bessa Filho

28 MINHA CONFISSÃO DE FÉ

Ricardo Cabero

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Jobson Santos; **colaboradores Especiais:** Amasias Justiniano, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Pável Moura, Jefé Carvalho, Newton Brito de Oliveira.
Capa: Willian/Casa

Todo artigo ou correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA deve ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279-970 — Brasília, DF.
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 — Km 106 — 18270-000 — Tatuí, SP.

O Ano do Pastor

De acordo com o plano traçado pela Associação Geral, a Divisão Sul-Americana designou o ano de 1993 como o *Ano do Pastor*. Os motivos que justificam tal procedimento são muitos; mas, vejamos apenas alguns:

A situação instável e absorvente da sociedade atual tem deteriorado de tal maneira o ministério pastoral, fazendo necessário que nos detenhamos para buscar uma recuperação daquela imagem de servo e líder espiritual entre o pastorado adventista.

Por essa razão, a revista *O Ministério*, durante todo este ano, trará em suas páginas matérias que por certo contribuirão para mostrar ao mundo, à Igreja e à família, que somos homens chamados por Deus para servir como embaixadores do reino celestial, mensageiros das boas novas de salvação.

O documento que se segue oferece em linhas gerais, aquilo que entendemos e esperamos seja desenvolvido em 1993:

“Considerando que o pastor é a pessoa chave para orientar a vida espiritual, missionária, e o funcionamento da igreja; considerando que o pastor necessita permanente estímulo e motivação para desenvolver um ministério mais eficiente e feliz; considerando que a melhor motivação do pastor é gerada pela ampliação de seu próprio conceito sobre a verdadeira dimensão do ministério; considerando que parte dessa motivação resulta do reconhecimento e estímulo que a igreja e seus líderes demonstrem ao pastor; votado estabelecer o ano de 1993 como o *Ano do Pastor*, com os seguintes objetivos:

“1. Reafirmar e fortalecer a importância do ministério pastoral na mente de cada líder e de cada membro, como a tarefa mais solene e significativa à qual um homem pode dedicar-se. Para tanto, deverão ser desenvolvidas cerimônias especiais, durante congressos e outros eventos, tendo em vista o reconhecimento do valor dos frutos do ministério pastoral. Outrossim, recomenda-se aos administradores no sentido de que o secretário ministerial de cada Campo não exerça função administrativa, para que o pastor e sua família sintam-se mais livres para buscar sua ajuda como um conselheiro.

“2. Enriquecer a comunicação entre os líderes e o pastor. Nesse sentido espera-se que os administradores usem toda a sua criatividade, e aproveitem cada oportunidade para reconhecer e divulgar a importância do trabalho do pastor, bem como a influência positiva de sua família no contexto da Igreja e da sociedade contemporânea.

“3. Reafirmar a teologia do perfil do pastor na sociedade moderna. Para isso, recomenda-se que, em concílios pastorais, líderes e professores de reconhecida experiência exponham os postulados teológicos do ministério pastoral, e que sejam selecionados e recomendados livros que ajudem ao pastor a ter uma visão mais ampla de seu papel no contexto da igreja.

“4. Ampliar o conceito de unidade do pastor com os diversos segmentos da Obra de Deus, assim como sua lealdade para com a Igreja e sua missão.

“5. Contribuir de todas as maneiras possíveis para que o ministério pastoral seja uma experiência mais eficaz, e uma fonte de felicidade, gozo e realização, para o pastor e sua esposa.

“Finalmente é recomendado que cada União ou organização correspondente, prepare sua própria programação, em consulta com seus pastores, tendo como base os materiais que a Associação Geral e a Divisão Sul-Americana propiciam, a fim de que os objetivos do *Ano do Pastor* sejam plenamente alcançados.”

A maior necessidade do ministério é de poder do alto. Para consegui-Lo, é necessário que vivamos tão perto do Senhor como viveram Elias, Paulo, Barnabé e outros. — *José Amasias Justiniano*.

O Sábado que foi Cravado na Cruz

KEVIN L. MORGAN

*Pastor adventista, reside em Lenoir,
Carolina do Norte, EUA.*

Muitos cristãos afirmam que a morte de Cristo aboliu a obrigatoriedade da observância do sábado. Como suposto apoio a essa maneira de crer, apresentam a seguinte passagem bíblica: “tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; ... Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir, porém o corpo é de Cristo” (Col. 2:14-17).

A princípio, pode até parecer que os Dez Mandamentos, juntamente com o sábado, foram ab-rogados quando Cristo expirou na cruz. Mas, teria tal pensamento o apoio de um exame mais acurado do texto? Para compreendermos plenamente a declaração paulina, é necessário que tenhamos uma visão mais ampla da situação reinante em Colossos, e que motivou a epístola.

Quem eram os crentes colossenses

A cidade de Colossos, situada a aproximadamente 200 quilômetros ao sudeste de Éfeso, na Ásia Menor, dividia o Vale do Rio Lycus com Laodiceia e Hierápolis. Invasores frígios tinham originalmente ocupado a área antes de ela se tornar parte do Império Romano. Colossos prosperou, graças à sua privilegiada localização na principal rota de comércio para o Oriente, seus negociantes de lã, tecido e tinta.¹

Em virtude do grande fluxo de viajantes, seus habitantes viviam sob a influência de várias religiões. Alguns se entregaram aos ritos sexuais promíscuos da deu-

sa Cibele, adorada na próxima Hierápolis. Outros se deixaram encantar pelo exorcismo e pela magia da vizinha Éfeso (Atos 19:13 e 19), ou pela formalidade mística do judaísmo.²

Finalmente, o evangelho alcançou a cidade de Colossos durante o ministério de Paulo, desempenhado em Éfeso, entre 52 e 55 a.D. Seus esforços atingiram tanto a judeus como gregos naquela região (Atos 19:10). Aproximadamente cinco anos após deixar a cidade de Éfeso, o apóstolo dos gentios foi aprisionado em Roma. Ali encontrou-se com Epafras, o possível fundador da igreja colossense (Col. 1:7), que lhe trouxe algumas boas notícias, mas também informou-lhe de que alguns dentre aqueles cristãos haviam abraçado estranhos ensinamentos que estavam minando a boa influência do evangelho.³

Já tendo atacado algumas dessas heresias, anteriormente, em sua carta aos gálatas, Paulo agora enfrenta um novo desafio. E adverte:

“Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs subtilidades, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo; ... NEle também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, ... e vos deu vida juntamente com Ele, ... cancelando o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, ... Ninguém se faça árbitro contra vós outros, pretextando humildade e culto dos anjos, ... Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, porque... vos sujeitais a ordenanças: ... Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e falsa humildade, e rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade” (Col. 2:8-23).⁴

Edwin M. Yamauchi, refletindo sobre a evidência, declara: "... Paulo com óbvio exatidão, vê no herético ensinamento gnóstico a sabedoria secreta de uma classe sincretista, misturada com o ritualismo judaico, e especulação sobre anjos."⁵

Mas o que a preocupação de Paulo, a respeito de tal heresia, tem a ver com sua referência a "sábados" no segundo capítulo dessa epístola? Vamos tomar a declaração ponto por ponto:

Exame do texto

Tendo cancelado..." A palavra grega para essa frase é *exaleip-sas*. É usada no grego clássico para o ato de "apagar" ou "obliterar" textos em um documento, colocando um "x" sobre as palavras removidas ou simplesmente apagando-as.⁶

"O escrito de dívida que era contra nós" ou *to kath' Hemon Cheirographon*. A palavra *cheirographon* é um termo comum nos papiros extrabíblicos, embora apareça apenas nessa passagem em todo o Novo Testamento. Um *cheirographon* era um documento escrito, frequentemente legal em sua natureza, tanto quanto um contrato assinado por um devedor. A expressão *Kath' Hemon* significa "contra nós" ou "sobre nós" (Josué 9:20, *Versão Septuaginta*), e modifica a palavra *cheirographon*. Juntando as duas coisas, podemos assim traduzir a frase: "o contrato contra nós". Ela evoca uma similar frase hebraica, usada no tempo da proclamação da lei de Moisés: "Tomai este livro da lei... para que ali esteja por testemunha contra ti" (Deut. 31:23). Esse livro da lei, colocado "ao lado da arca da aliança", testemunharia contra os filhos de Israel se eles não o seguissem (Êxo. 25:16). A mesma frase é usada em II Reis 22:13, quando Josias encontrou o livro da lei: "... grande é o furor do Senhor, que se acendeu contra nós, porquanto nossos pais não deram ouvidos às palavras deste livro, para fazerem segundo tudo quanto de nós está escrito".

"De ordenanças" ou *tois dogmasin*, são expressões traduzidas como "em estatutos" ou "conteúdo de decretos" em outras versões. No verso 20, *tois dogmasin* claramente se refere às ordenanças ceri-

moniais. Portanto, a mesma frase no verso 14 também deve se referir aos decretos e leis do sistema legal judaico que encontrou sua consumação na cruz. É interessante notar que a mesma palavra chave aparece numa passagem paralela na carta aos efésios: "Porque Ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derrubado a parede de separação que estava no meio, a inimizade, aboliu na sua carne a lei dos mandamentos na forma de ordenanças (*en dogmasin*), para que dos dois criasse em si mesmo um novo homem, fazendo a paz" (Efés. 2:14 e 15).⁷

O que "*era contra nós*", ou *hupenantion*, aparece exatamente duas vezes no Novo Testamento: Uma vez, na carta aos colossenses. Outra, como um substantivo no livro aos Hebreus 10:27. A *King James Version* traduz a declaração como "adversários". Outros possíveis significados são: "muito contra", "contrário", "adverso", e "inimigo".⁸

Juntando toda a frase, chegaremos a uma dinâmica tradução: "o escrito de dívida que era contra nós, o qual, em virtude das ordenanças, testificava contra nós." Durante uma discussão quanto a ser ou não obrigatória para os gentios convertidos a observância da lei cerimonial, Pedro disse: "Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós?" (Atos 15:10).

A lei cerimonial era contra judeus e gentios. Era contra os judeus porque eles lhe haviam adicionado uma montanha de restrições, tornando impossível a sua observância. Além do fato de que ela apontava a sua rebelião contra as instruções de Deus, tal como uma lei de trânsito testifica contra os que a transgridem. A lei cerimonial também era contra os gentios porque se havia tornado "uma parede de separação" entre eles e os que poderiam ter-lhes ensinado a verdade sobre Deus.

"Por causa de comida e bebida" vem do grego *en brosi kai en posei*. Mais que uma referência a alimentos específicos, a frase descreve práticas rituais de comida e bebida.⁹

"Ou dia de festa" (*heortes*) "ou lua nova" (*e neomenias*), ou *sábados* (*e sabbaton*), representam algumas celebrações relatadas. *Heortes* significa "festa" ou "festival",¹⁰ particularmente as festas sa-

gradas judaicas (S. Mat. 26:5; S. Luc. 2:41; 22:1; S. João 5:1; Atos 18:21). *Neomenias* aponta para as comemorações judaicas de cada mês lunar como uma festa sagrada nos tempos do Velho Testamento. *Sabbaton* é a mais discutida das palavras na passagem bíblica que estamos considerando. Desde que o original grego não traz artigo, ela pode ser traduzida como “dias de sábado” ou como “um sábado”.¹ Frequentemente encontramos os termos “festas”, “lua nova” e “sábado” ligados a uma frase descritiva de alguma cerimônia anual judaica (II Crôn. 2:4; 31:3; Nee. 10:33; Eze. 45:17; Oséias 2:11; Isa. 1:13 e 14. Nesses textos, a ordem dos três elementos pode variar, mas todos eles estão sempre presentes). “Sábados” eram portanto, uma parte das festas anuais. Eis a relação destas festas:

- A Páscoa — Lev. 23:5 (14 de nisan).
- A Festa dos Pães Asmos — Lev. 23:6 (15 a 22 de nisan).
- A Festa das Semanas/Pentecoste — Lev. 23:23 (cinquenta dias após a Páscoa, ou seja, 6 de sivan).
- A Festa das Trombetas — Lev. 23:24 (1º de tishri).
- O Dia da Expição — Lev. 23:32 (15 de tishri).
- A Festa dos Tabernáculos — Lev. 23:39 (15 a 22 de tishri).

Os sábados cerimoniais

O primeiro dia da Festa dos Pães Asmos — Lev. 23:7 (15 de nisan). Era chamado “Santa Convocação”, “ou sábado”.

• O sétimo dia da Festa dos Pães Asmos — Lev. 23:8 (21 de nisan). Era chamado “Santa Convocação”.

• Pentecoste — Lev. 23:21 (6 de sivan). Chamado “Santa Convocação”.

• A Festa das Trombetas — Lev. 23:24 (1º de tishri). Também é chamado “Santa Convocação”, ou “sábado”.

• O Dia da Expição — Lev. 23:27 e 32 (15 de tishri). Chamado “Santa Convocação”, ou “sábado de repouso”.

• O primeiro dia da Festa dos Tabernáculos — Lev. 23:35 (15 de tishri). Chamado “Santa Convocação” ou “sábado”.

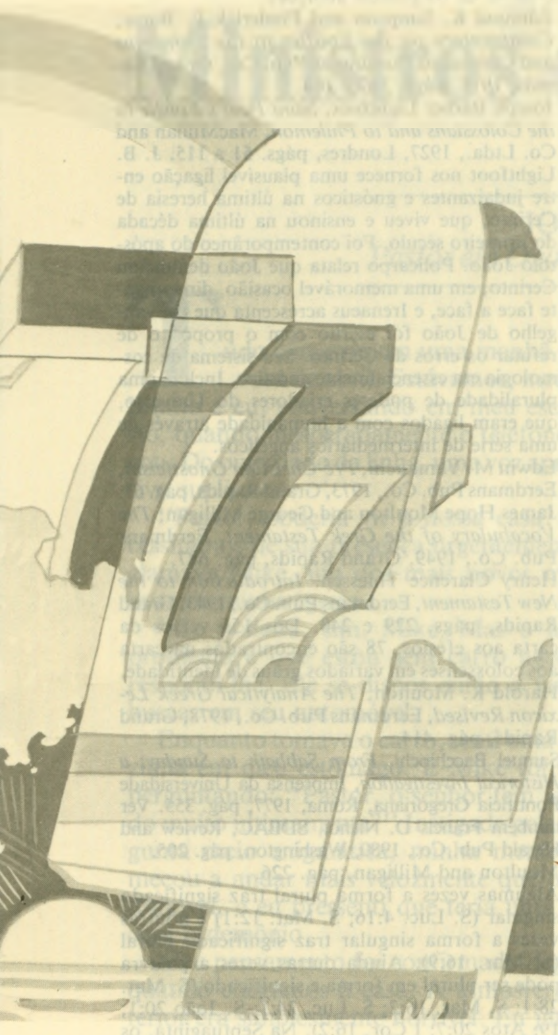
• O oitavo dia da Festa dos Tabernáculos — Lev. 23:36 (22 de tishri). Chamado “sábado”.



João

Há uma diferença óbvia entre os sábados da lei cerimonial e o sábado semanal, “o sábado do Senhor”. Este, sempre cai no mesmo dia do ciclo semanal. Aqueles, caíam em diferentes dias da semana, de ano para ano. Deus ordenou a Israel, na lei de Moisés, guardar os sábados cerimoniais, “além dos sábados do Senhor” (Lev. 23:38, *RSV*). A expressão “sábados do Senhor” refere-se ao sábado dos Dez Mandamentos, também conhecido como “o santo sábado do Senhor”, ao qual Deus chama “Meu santo dia” (Êxo. 20:10; 16:23 e 26; Isa. 58:13).

Adam Clarke, ao comentar este importante aspecto, escreveu: “Não há aqui o



menor indício de que o sábado tenha sido ab-rogado, ou que seu uso moral foi suprimido pela introdução do Cristianismo. ... Lembrar do dia de sábado, observá-lo como santo, é uma ordem de obrigação perpétua, que jamais será alterada até à consumação dos séculos.”¹²

Thomas Hamilton, em seu livro *Our Rest Day* (Nosso Dia de Repouso), diz: “... Sofrer a penalidade da lei, não quer dizer aboli-la. Tampouco perfeita obediência à lei significa ab-rogå-la. Essas duas coisas constituem o que Cristo realizou. Ele prestou uma perfeita obediência à lei, e carregou por Seu povo a penalidade má-

xima da lei. Nenhum desses dois feitos insinua alguma coisa parecida com abolição da lei. Quando qualquer criminoso sofre uma pena, isso significa algo inteiramente diferente de abolição da lei. É exatamente o contrário. Manifesta o valor da lei. Sua morte magnifica a lei.”¹³

Jamieson, Fausset, e Brown escreveram que embora “o Dia da Expição e a Festa dos Tabernáculos tiveram um fim, juntamente com os serviços judaicos aos quais estavam ligados (Lev. 23:32, 37-39), o sábado semanal repousa sobre um mais permanente fundamento, sendo instituído no Paraíso, para comemorar a conclusão da obra criadora de Deus, realizada em seis dias”.¹⁴

David Weham também escreveu sobre o assunto: “É preciso fazer a distinção entre aquelas leis que deveriam apontar para Cristo e que são desnecessárias depois de Sua vinda (ex.: a lei cerimonial, de acordo com o livro aos Hebreus), e a lei moral que não aponta tão claramente para Cristo (embora fosse mais completamente explicada por Ele), e que continua mostrando a verdade moral para os cristãos. A lei moral foi plenamente cumprida por Cristo, em um sentido diferente da lei cerimonial: ela não foi suprimida, mas está incluída no novo padrão de referência para o cristão.”¹⁵

“*Sombra das coisas futuras*” ou *skiton mellonton*. Essa frase identifica o tipo de sábado mencionado aqui, ou seja, está associado com festas e luas novas. O sábado do 4º mandamento não é uma *sombra*, mas um *memorial*. A *sombra* que passou estava relacionada com sacrifícios cerimoniais: “Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem” (Heb. 10:1).

“*Mas o corpo é de Cristo*” é uma declaração tomada de *to de soma tou Christou*. Na epístola aos efésios Paulo estabelece que a Igreja, como a reunião dos antigamente afastados judeus e gentios, é o corpo de Cristo (Efés. 1:22 e 23; 2:16).

Conclusão

A heresia existente na igreja de Colossos e a refutação de Paulo nos ensinam algumas coisas: Primeiramente

te, ela foi fabricada por um legalismo que mascarou um gnosticismo rudimentar. Também vimos que o “escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças”, removido e cravado na cruz, significa as leis cerimoniais as quais judeus e gnósticos pretendiam aceitar como meio de salvação. Em virtude de que essas leis foram abolidas, Paulo assegura aos cristãos colossenses que eles não necessitavam estar preocupados com o serem avaliados por cerimoniais de comida e bebida, por seus dias de festa, luas novas ou sábados. Depois de tudo, essas coisas eram uma débil representação da exata realidade no crucificado, ressurreto e esperado Cristo.

Perguntamos então: Foi o sábado cravado na cruz? Certamente, não o sábado semanal, estabelecido na Criação e no qual Cristo repousou durante a Sua morte. Embora a humanidade tenha se esquecido do dia que Deus ordenou lembrar, as palavras de Jesus permanecem ainda hoje: “de sorte que o Filho do Homem é senhor também do sábado” (S. Mar. 2:28).

1. Charles Rosenbury Erdman, *The Epistle of Paul to the Colossians and to Philemon*, The Westminster Press, 1933, Philadelphia, pág. 9.
2. Os Oráculos Sibilinos foram escritos nesta região, ao redor de 80 a.D. e evidentemente um produto do judaísmo. Todavia, eles estão mais identificados com o pensamento da religião dos Essênios do que com o dos fariseus, já que

rejeitam sacrifícios, condenam o derramamento de sangue como purificação, e são mais rigorosos do que os fariseus no sentido de inculcarem o dever de freqüentes abluções.

3. Edmund K. Simpson and Frederick F. Burce, *Commentary on the Epistles to the Ephesians and Colossians*, Eerdmans Pub. Co., Grand Rapids, 1975, págs. 163 e 164.
4. Joseph Barber Lightfoot, *Saint Paul's Epistle to the Colossians and to Philemon*, MacMillan and Co. Ltda., 1927, Londres, págs. 51 a 115. J. B. Lightfoot nos fornece uma plausível ligação entre judaizantes e gnósticos na última heresia de Cerinto, que viveu e ensinou na última década do primeiro século. Foi contemporâneo do apóstolo João. Policarpo relata que João denunciou Cerinto, em uma memorável ocasião, diretamente face a face, e Irenaeus acrescenta que o Evangelho de João foi escrito com o propósito de refutar os erros de Cerinto. Seu sistema de cosmologia era essencialmente gnóstico. Incluía uma pluralidade de poderes criadores do Universo, que eram ligados com a humanidade através de uma série de intermediários angélicos.
5. Edwin M. Yamauchi, *Pre-Christian Gnosticism*, Eerdmans Pub. Co., 1973, Grand Rapids, pág. 67.
6. James Hope Moulton and George Milligan, *The Vocabulary of the Grek Testament*, Eerdmans Pub. Co., 1949, Grand Rapids, pág. 687.
7. Henry Clarence Thiessen, *Introduction to the New Testament*, Eerdmans Pub. Co., 1943, Grand Rapids, págs. 229 e 240. Dos 155 versos da carta aos colossenses, 78 são encontrados na carta aos colossenses em variados graus de identidade.
8. Harold K. Moulton, *The Analytical Greek Lexicon Revised*, Eerdmans Pub. Co., 1978, Grand Rapids, pág. 414.
9. Samuel Bacchiocchi, *From Sabbath to Sunday: a Historical Investigation*, Imprensa da Universidade Pontificia Gregoriana, Roma, 1977, pág. 355. Ver também Francis D. Nichol, SDBAC, Review and Herald Pub. Co., 1980, Washington, pág. 205.
10. Moulton and Milligan, pág. 226.
11. Algumas vezes a forma plural traz significado singular (S. Luc. 4:16; S. Mat. 12:1) e noutras vezes a forma singular traz significado plural (S. Mar. 16:9). Ainda outras vezes a palavra pode ser plural em forma e significado (S. Mat. 28:1; S. Mar. 16:2; S. Luc. 24:1; S. João 20:1, 19; Atos 20:7; I Cor. 16:2). Na Septuaginta, os tradutores usam a forma plural de *sabbaton* para traduzir a palavra hebraica no singular em Êxodo 16:23, 25, 26 e 29. Também a Septuaginta usa o plural *sabbata* para traduzir Êxodo 20:8, 10; 31:15; 35:2, enquanto o sentido é obviamente singular. Douay, King James, Goodspeed e Moffat traduzem como plural, enquanto a *American Standard Weimouth, Revised Standard, Lamsa, Confraternity* e Novo Mundo traduzem como singular.
12. Kenneth H. Wood, *The Sabbath Days of Colossians 2:16 e 17*, in *The Sabbath in Scripture and History*, ed. Kenneth A. Strand, RH, 1982, pág. 340.
13. Milian Lauritz Andreason, *The Sabbath: Which Day and Why?*, RH, Washington, 1942, pág. 216.
14. Wood, pág. 340.
15. Henry A. Vickler, *Principles and Processes of Biblical Interpretation*, Baker Book House, Grand Rapids, 1981, pág. 141.

Cuidado com os Ministros de Libertação

JOHN GLASS

Pastor em Ogden e Logan, Utah, EUA.

Tudo começou em uma manhã chuvosa de abril. Estávamos, meu sobrinho e eu, conversando em meu escritório, quando inesperadamente o telefone tocou. Do outro lado da linha, uma voz apreensiva suplicava:

“Pastor, poderia vir à nossa casa? Necessitamos de sua presença urgentemente”, clamava Mike, um dos mais novos membros de minha igreja.

“Eu poderia, sim, Mike. Mas o único problema é que estou sem carro agora”, respondi-lhe. Ele se dispôs então a vir me buscar em seu automóvel.

Enquanto tomava o carro, senti uma dorzinha em meu estômago. E Mike foi logo perguntando: “Pastor, o senhor tem jejuado muito ultimamente?” Instigada pela pergunta meio enigmática, minha mente começou a andar mais velozmente que o automóvel, e eu pressenti que teria uma luta com o demônio.

Meu pensamento foi confirmado depois, quando chegamos à casa. A atmosfera interior era simplesmente horrível. Eu jamais havia visto coisa igual. Sua esposa, Debbie, estava atirada perto do sofá, evidentemente possessa por um espírito mau. A voz que falava através dela era muito grave, áspera e vindicativa. As próximas três horas e 15 minutos foram nubladas, e semelhante a uma draga destruidora arrastaram-se interminavelmente.

Um homem e uma mulher aos quais eu nunca tinha visto antes sentaram-se nas cadeiras em frente à Debbie. Começaram então a relatar como haviam gasto dez horas tentando ajudá-la. Fiquei chocado ao ouvi-los argumentando com o demônio. Falaram-me a respeito de um sem-número de coisas que aprenderam sobre Debbie, através dele.

Solicitei então permissão para conversar com a vítima. Instantaneamente Debbie voltou a si, e eu encorajei-a a aproximar-se de Jesus, pela fé, pois Ele prometeu ajudá-la. Nesse ponto, ela relatou-me uma visão que tivera. Então, subitamente, uma outra personalidade emergiu através dela.

Algum tempo depois, três outras pessoas juntaram-se a nós: uma senhora que viera do oeste do Estado, e um casal do sudeste. Eles imediatamente se sentaram e deram início ao que eu caracterizei como um insulto ao demônio. Finalmente, alguém sugeriu que realizássemos um período de orações. Mike orou primeiro, os outros oraram depois, e, em seguida, eu o fiz também. Enquanto orava, consegui que Debbie participasse da oração, repetindo as frases comigo. Ela confessou seus pecados e sua necessidade de um Salvador, pedindo-Lhe para libertá-la. No momento em que ela dizia: “agradeço-Te por ser liberta”, interrompeu a frase com um grito e exclamou: “Eu estou livre!” Houve, então, uma imediata mudança no ambiente. Tudo agora era regozijo.

Agora, a dúvida

Todavia, enquanto Mike dirigia seu carro, trazendo-me de volta, minha cabeça estava girando. Eu pensei que havia testemunhado uma experiência de libertação, mas não estava tão seguro agora. Eu queria ter a certeza de que a libertação de Debbie fora genuína. Desejava sentir essa segurança mais que qualquer outra coisa. Mas, certamente, algumas coisas me turbavam ainda. Por exemplo, a esposa de um homem que viera do sul estivera em mi-

nha igreja dando “mensagens de reflexão”, pretendendo ser uma profetisa. Eu até ouvira algumas fitas gravadas, mas não encontrara nelas o toque da Verdade. Uma outra coisa que me preocupava agora era a lembrança da leitura da introdução de um livro que eles me presentearam, intitulado *Você pode ser mais que um desafio para Satanás*. Nele o autor, um bem conhecido “ministro de libertação”, diz ter usado técnicas hipnóticas em suas lutas com o demônio. Ao me dedicarem o livro, falaram-me que eu era um maravilhoso homem de Deus, e que iria fazer um grande trabalho de libertação.

Sua lisonja me deixara preocupado. Todavia, eu me surpreendi que os membros da minha igreja necessitassem de um “ministério de libertação”. Nunca tinha pensado nisso antes.

Com o passar dos dias, pareceu que a idéia de “ministério de libertação” permeou a congregação inteira. Fiquei sabendo que Debbie passara por uma segunda sessão de exorcismo, e que alguns dos outros jovens foram à sua casa tentando ajudá-la a se libertar dos demônios da cafeína e do rock. Alguns pais estavam perturbados com tudo isso e me procuraram para saber como deveriam agir.

A princípio, não estabeleci nenhum padrão. Eu já havia compilado 80 páginas de dados sobre o assunto e quando eles me perguntaram o que eu pensava, apenas entreguei-lhes o material, pedindo que examinassem por si mesmos em casa. Num noite, nós estudamos sobre libertação demoníaca, em uma reunião de oração bem concorrida.

Quando, numa tarde, eu falava de minhas inquietações a Debbie, ela me interrompeu: “Pastor, não questione essa experiência. Se o faz, está dando lugar a dúvidas”.

“Mas a Palavra de Deus, e não a experiência pessoal, é a autoridade suprema em assuntos religiosos”, respondi-lhe.

“Tome este livro e leia-o”, insistiu Mike, dando-me o livro *Libertando cativos*, publicado por um grupo chamado Os Intecessores. Debbie então exclamou: “Pastor, diante dessa experiência, eu não posso ler a Bíblia!” acrescentando em seguida: “O senhor quer que eu volte a usar drogas e praticar outras coisas horríveis?” Evidentemente esse não era o meu desejo.

De volta ao meu escritório, refleti e cheguei à conclusão de que o assunto alcançara um ponto crítico. Havia na igreja um clube de desbravadores cujos líderes haviam solicitado a Mike e Debbie que se separassem dele, até que os irmãos da igreja pudessem resolver o problema. Sentei-me à escrivaninha e cobri o rosto com as mãos. Todos os meus sentimentos e emoções falavam-me que a experiência vivida por Debbie era genuína. Mas eu não estava seguro disso. Mais que nunca em minha vida eu necessitava de uma resposta vinda da Palavra de Deus.

Depois de uma breve e fervorosa prece, apanhei o panfleto que recebera de Mike e comecei a lê-lo. Dentro de dois minutos o Espírito Santo mostrou-me pela Palavra que a libertação de Debbie fora uma contrafação. Eu tinha a resposta de Deus, mas necessitava remover meus sentimentos e emoções para poder encarar a realidade. E foi justamente nesse estado que enfrentei os momentos seguintes.

Escrevi uma breve carta a Mike e Debbie informando-lhes a respeito de minhas conclusões sobre sua experiência, apelando para eles no sentido de confiarem na Bíblia e sua mensagem de libertação. Sua reação imediata foi o rompimento com o clube de desbravadores, mudando-se para uma outra cidade. Depois de estudarem bastante, os anciãos concluíram que a experiência de Debbie era uma forma de espiritismo. Dois deles foram visitar o casal, levando um apelo escrito no qual apresentavam razões bíblicas para suas conclusões, requerendo de ambos que aceitassem seu conselho ou mostrassem, pela Bíblia, os erros das conclusões a que chegaram. Debbie arremessou o papel no chão, com o seguinte comentário: “Não vou ler este tipo de lixo”. Poucos meses depois a igreja desligou-os do rol de membros, por apostasia no espiritismo.

Orientação bíblica

Eis as conclusões finais do estudo feito pelos anciãos:

1. Opressão demoníaca, perseguição e possessão são fatos cuja existência é con-

firmada tanto pela Bíblia como pelo Espírito de Profecia.

2. Jesus conferiu poder à Sua Igreja sobre todos os demônios, e não há registro de que o tenha retirado. Nossa falha em subjugar o mal, não é em virtude da retração do poder divino, mas devido à negligência humana (S. Mat. 17:14-18). Há inúmeros relatos mostrando que Satanás e suas hostes sofreram fragorosa derrota diante dos seguidores de Cristo, quando estes agiram pela fé nEle.

3. Devemos ser cuidadosos ao lutarmos com fenômenos espirituais. Em I João 4:1 nos é admoestado quanto a não crer em todos os espíritos, mas “testar os espíritos para ver se eles vêm de Deus”. Jesus encorajou-nos a testarmos os frutos (S. Mat. 7:15-20), o que não significa julgamento de indivíduos. E qual é o fruto do chamado “ministério de libertação”? Toda igreja sob sua influência tem sido adversamente afetada, ao ponto de ser dividida (Rom. 16:17).

4. O exorcismo de Cristo era muito breve (S. Mat. 8:32; 17:18). O “ministério de libertação” se estende por horas.

5. Jesus jamais iniciou conversação com o demônio. Estes eram os primeiros a falar. O “ministério de libertação”, entretanto, estabelece diálogo com eles, sob pretexto de estarem sendo guiados pelo Espírito Santo a fim de os induzirem a falar e identificar seus nomes.

6. Jesus nunca deixou que os demônios O arrastassem para um diálogo extensivo. Ele os expulsava com uma palavra (S. Mat. 8:16; ver ainda S. Marcos 5:8, 9; 1:34; S. Lucas 4:41).

7. Quando Cristo expulsava os demônios, eles saíam de uma só vez. Ao contrário, o “ministério de libertação” frequentemente requer várias sessões nas quais os demônios deixam o possesso um de cada vez.

8. As informações prestadas pelos demônios, a respeito de suas vítimas, são recebidas como fatuais pelos advogados do “ministério de libertação”. Entretanto, a Bíblia diz que o diabo é “pai da mentira” (S. João 8:44).

9. A publicação *Libertando cativos* apresenta S. Marcos 16:15-18 como uma fotografia do “ministério de libertação”. O livro promove o dom de línguas como um sinal do recebimento do Espírito Santo, e afirma que o Senhor comissionou Sua Igreja

para fazer três coisas: 1) pregar o evangelho; 2) curar os doentes; 3) expulsar os demônios.

Primeiramente é bom lembrar que os melhores manuscritos não incluem essa passagem. Depois, supondo que ela seja autêntica, a interpretação feita acima é defeituosa. Na verdade, há somente uma ordem colocada ali: ir e pregar o evangelho. Marcos enumera cinco sinais que acompanhariam os crentes: expulsar demônios, falar em línguas, pegar em serpentes, beber veneno e impor as mãos sobre doentes para curá-los. Um exame de vários grupos religiosos defensores dessas idéias revela que esses sinais têm sido levados a excessos.

Ellen White declara: “a obra de declarar pessoas possuídas do diabo, e depois orar com elas e pretender expulsar os maus espíritos, é fanatismo que trará descrédito a qualquer igreja que sancione tal obra. Foi-me mostrado que importa não encorajar tais demonstrações, mas guardar o povo com um decidido testemunho contra aquilo que traria uma mancha ao nome dos adventistas do sétimo dia, e destruiria a confiança do povo na mensagem de verdade que precisam dar ao mundo.” — *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 46.

10. E mais: “Neste período da história do mundo temos um trabalho demasiado grande para começar uma nova espécie de guerra no sentido de enfrentar o poder sobrenatural dos agentes satânicos.” Em contraste com isso, o “ministério de libertação” prioriza a expulsão de demônios. A ênfase da Igreja deve ser a pregação do evangelho.

11. Todos os problemas pessoais e pecados são reduzidos ao nível de possessão demoníaca; o “ministério de libertação” não identifica nenhuma outra origem para tais questões.

12. Indivíduos que experimentam esse tipo de libertação, não admitem questionamentos sobre a mesma. Fazem dela uma autoridade superior mesmo à Bíblia.

Não me foi tarefa fácil pesquisar a veracidade da palavra bíblica sobre o assunto, com isenção de sentimentos e emoções. Mas Deus ajudou-me a compreender o que Pedro já havia dito, após sua experiência no Monte da Transfiguração: a “palavra da profecia” é mais segura (II S. Ped. 1:19).

A Igreja Precisa Manter o Padrão

J. DAVID NEWMAN
Editor da revista Ministry.

Eu jamais imaginei que pudesse ver a ocasião em que a Igreja Adventista do Sétimo Dia iria hesitar em afirmar sua posição com respeito ao uso do álcool. Mas, será mesmo que aconteceu exatamente o inconcebível? Quando o Departamento de Temperança da Associação Geral apresentou um documento reafirmando nosso histórico padrão de Temperança, no Concílio Anual realizado em Perth, na Austrália, em 1991, o pêndulo das opiniões oscilou. Este era o conteúdo da declaração:

“A Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia reafirma seu histórico padrão a respeito dos princípios de Temperança, conforme a orientação da Bíblia, do Espírito de Profecia e as ações da própria Associação Geral no passado, defendendo a abstinência como um compromisso de cada membro da Igreja.

“A não aceitação de auxílio financeiro proveniente da produção ou comercialização de bebida alcoólica, drogas ilícitas e fumo tem sido baseada nessa premissa, e tais fundos são considerados como estando ‘manchado com o sangue das almas’ (*Temperança*, pág. 231).

“Ninguém precisa ser informado de que o comércio de bebida é algo que liga suas vítimas à miséria, vergonha, degradação e morte, com a ruína eterna de suas almas. Os que ceifam lucro, direta ou indiretamente, desse comércio, estão colocando na gaveta dinheiro que vem através da perda de almas humanas’ (*Idem*).

“Portanto, nós reafirmamos tais princípios, apelando para um reavivamento neste sentido entre nosso povo, quer no plano congregacional, individual ou institucional, independentemente da sociedade ignorar ou contrariar esses padrões.

“Além disso, nós afirmamos que a aceitação de recursos provenientes da indus-



Heber

trialização e comercialização de bebidas alcoólicas, drogas ilícitas e fumo é antiética e imoral, considerando suas conseqüências físicas, mentais e espirituais para o indivíduo, bem como sua devastação social.”

Na mesa de discussão

Quando o assunto veio à tona, a discussão girou em torno do recebimento de recursos provenientes do álcool. Ninguém hesitou em condenar a aceitação de ajuda financeira oriunda de drogas ilícitas e fumo, mas houve considerável

relutância em aplicar os mesmos princípios para as bebidas alcoólicas.

Alguém tentou fazer uma proposta de emenda à declaração, adicionando a expressão “não solicitados” à palavra “recursos”, mas não obteve êxito. Um presidente de Divisão levantou-se e argumentou que em caso da aprovação daquela proposta, pelo menos um hospital em seu território passaria a enfrentar problemas. Esse hospital estava recebendo recursos não solicitados da comercialização de bebidas. Ele então propôs que a recomendação fosse posteriormente estudada pelo



Departamento de Saúde e Temperança, o que foi aceito.

Por esse gesto, nós simplesmente mostramos para o mundo que o dinheiro pode superar princípios, abrir caminhos para conveniências, e que o pragmatismo substitui o idealismo. Se nós, como líderes da Igreja, não podemos estabelecer claramente os parâmetros sobre claros princípios morais, como poderemos esperar que nossas instituições correspondam? Os princípios de Temperança são parte dos fundamentos desta Igreja. A sociedade e o mundo, em grande parte, estão agora confirmando o que nós temos consistentemente declarado sobre os riscos do álcool. E agora nós parecemos

estar rumando em direção oposta. Sei perfeitamente que nossos líderes são pessoas honestas, que se esforçarão para dar uma clara orientação através das águas turbulentas. Provavelmente eles ainda não se aperceberam das implicações de tal encaminhamento.

Influência nos hospitais

Recentemente, um de nossos hospitais deu início a uma campanha de levantamento de fundos. Seu diretor estabeleceu claramente que embora a Igreja não sancione o recebimento de recursos provenientes da comercialização de bebida alcoólica, a instituição por ele dirigida agiria independente. O dono de uma indústria de bebidas local foi escolhido como o gerente da campanha e já relacionou 26 doadores, do mesmo ramo de negócio, sob o cabeçalho “Vinho para o jantar”.

Evidentemente, o exemplo dado acima não é representativo da maioria de nossos hospitais. Muitos deles aparentam conservar bem clara a sua missão, ou seja, prover eficiente serviço médico para a comunidade e dar testemunho do estilo de vida adventista. Mas, algumas exceções me deixam preocupado. E são essas que acabam sendo lembradas pelo povo o qual, por sua vez, se surpreende imaginando que outros hospitais estejam fazendo o mesmo.

Nossos hospitais são uma parte vital na Missão da Igreja. Eu mesmo tenho presenciado algumas de suas reuniões administrativas e fico impressionado que, a despeito de tudo, eles estão tentando fazer o melhor que podem. Entretanto, é preciso deixar que princípios, não dinheiro ou conveniências, norteiem a agenda de tais reuniões.

É muito fácil transigir. Alguns hospitais fazem pouca ou nenhuma distinção entre o Sábado e outros dias da semana. Às vezes até parecem estar confusos quanto à sua identidade denominacional. Mas eles não são hospitais comuns. São hospitais adventistas que devem defender princípios, especialmente quando estes são ameaçados.

Não há nada errado com um hospital que estabelece sua própria agenda, seus próprios regulamentos, se ele é uma instituição independente. Mas enquanto fizer parte de uma Igreja, necessita pautar pelos princípios e regulamentos dessa Igreja.

Isto requer líderes que “permaneçam firmes ao lado do que é reto ainda que caiam os céus”. Alguns argumentam que se não procurarem se adaptar às circunstâncias acabarão fechando as portas. mas se um hospital não está servindo como uma testemunha em favor da missão e da mensagem da Igreja, é melhor que seja independente.

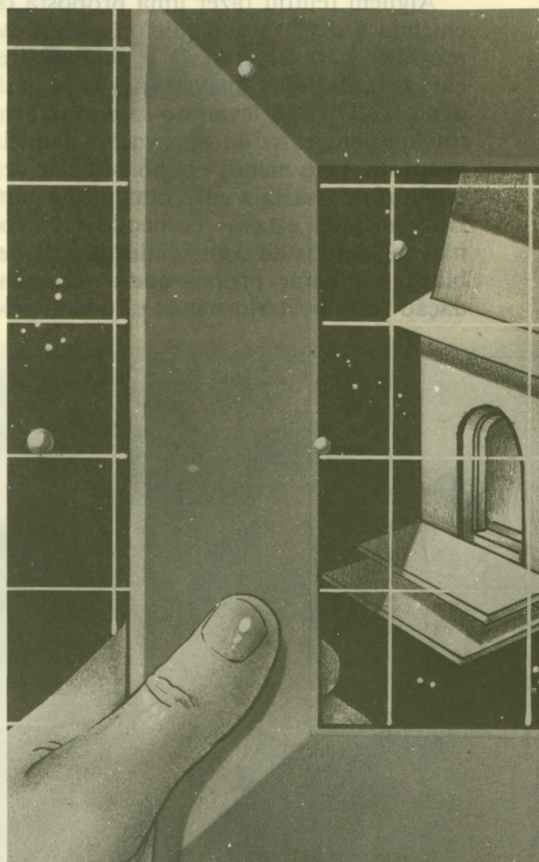
Enquanto a manutenção de claros regulamentos e princípios padronizados sejam vitais, há alguma coisa mais básica: as pessoas que escolhemos para conduzir nossas instituições devem estar completamente de acordo com os princípios e padrões da Igreja. Do contrário encontrarão uma maneira de burlar os regulamentos.

O Dr. Walter Brown, antigo líder do Departamento de Educação da Associação Geral, cita um clássico exemplo colhido em seus dias de serviço missionário. Uma escola que ele liderara estabeleceu que todas as moças usassem meias compridas durante os cultos na capela. Um professor foi escolhido para fazer a checagem à entrada. Acontece que naquela época, uma costura visível marcava o lado posterior das meias femininas. Assim, algumas moças simplesmente desenhavam a tal costura em suas pernas. O professor vigilante, em meio à multidão que chegava, olhava rapidamente e as moças passavam sem serem importunadas. Elas haviam encontrado uma maneira de burlar o regulamento sem molestações.

Princípios versus conveniências

Jesus sempre agiu motivado por princípios, nunca por conveniência. Ellen White diz a respeito da aceitação do convite por Ele recebido para jantar na casa de Levi Mateus, que “a festa foi oferecida em honra de Jesus, e Este não hesitou em aceitar a gentileza. Bem sabia que isso daria motivo de escândalo ao partido dos fariseus, comprometendo-O também aos olhos do povo. Nenhuma questão de política, entretanto, podia influenciar-Lhe os movimentos. Para Ele, as distinções exteriores não tinham nenhum valor. O que Lhe falava ao coração era a sede da alma pela água da vida”. — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 274.

Os princípios jamais devem ser sacrificados por causa da unidade. “Jesus orou para que Seus seguidores fossem um; mas não

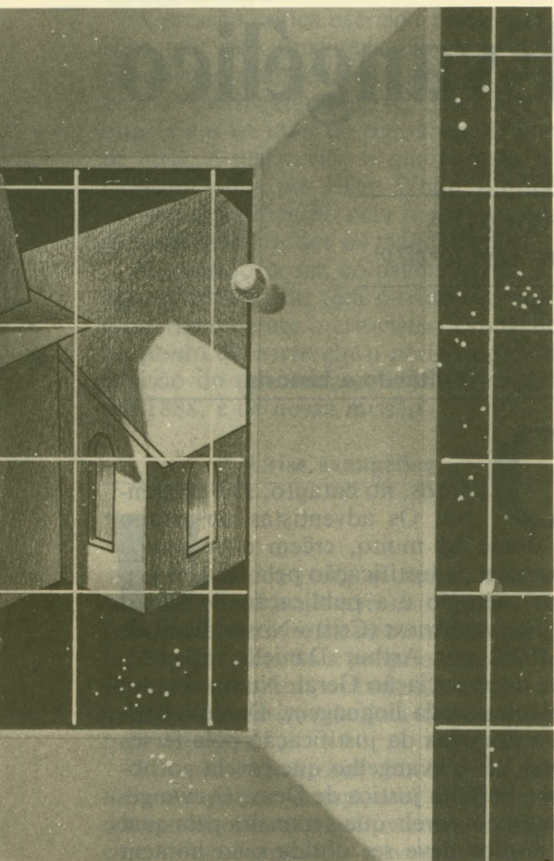


Heber

devemos sacrificar a verdade a fim de assegurar esta união, pois devemos ser santificados pela verdade. Aí está o fundamento de toda verdadeira paz. A sabedoria humana quer mudar tudo isso, declarando muito estreito o fundamento. Os homens querem efetuar a união mediante concessões à opinião popular, transigências com o mundo, sacrifício da piedade vital. Mas a verdade é o alicerce de Deus para a unidade de Seu povo.” — *Nossa Alta Vocação*, pág. 327.

Princípios versus compromisso

ABíblia relata a história de um profeta desconhecido a quem Deus ordenou transmitir uma mensagem ao Rei Jeroboão e retornar à sua casa sem parar para comer ou beber. Em seu caminho de vol-



ta, entretanto, ele parou para descansar e um outro profeta chamou-o e o convidou para jantar. Quando o profeta de Deus replicou, dizendo que o Senhor lhe ordenara não comer nem beber, o falso profeta mentiu dizendo que Ele lhe tinha falado exatamente de outro modo.

Assim, este profeta sem nome cedeu e desobedeceu. Como resultado um leão matou-o naquele mesmo dia. Deus nos entregou uma clara mensagem de Temperança para ser dada ao mundo. Mas em nosso crescente cansaço, temos parado para repousar e então cedemos à pressão. Estamos famintos da aceitação da comunidade onde vivemos. Mas, à semelhança do profeta, sofreremos a mesma sorte. Também morreremos como uma igreja distintiva que recebeu uma mensagem para estes últimos dias, a menos que ignoremos o falso profeta

cochichando em nossos ouvidos algo completamente diferente.

Agora é o tempo para nós, como líderes, obedecermos ao conselho da serva do Senhor: “Não devemos adular o mundo nem pedir-lhe perdão por ter que dizer-lhe a verdade; devemos desprezar toda dissimulação. Arvorai a vossa bandeira para pelejar pela causa dos homens e dos anjos. Entenda-se que os adventistas do sétimo dia não podem aceitar transigências. Em vossas opiniões e fé não deve haver a menor aparência de incertezas; o mundo tem direito a saber que esperar de nós.” — *Evangelismo*, pág. 179.

Ellen White desafia-nos a sermos líderes excepcionais: “A maior necessidade do mundo hoje é de homens que não se comprem nem se vendam. Homens que no íntimo sejam verdadeiros e honestos. Homens que não temam chamar o pecado pelo nome exato; homens cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo. Homens que permaneçam ao lado do que é reto, ainda que caiam os céus.” — *Educação*, pág. 57.

Este não é o tempo para líderes vacilantes, ambíguos ou aparentemente indecisos. Em 1903, a Câmara dos Comuns, na Inglaterra debatia a respeito do protecionismo. O primeiro-ministro, Arthur Balfour, declarou-se como não tendo “segura convicção” a respeito do assunto. Isto instigou a oposição, que escreveu o seguinte poema de versos irregulares:

“Eu não sou pelo livre comércio nem pelo protecionismo.

Eu aprovo ambas as coisas e às duas sou contrário.

Indo pela vida, eu continuamente encontro

Que é um terrível negócio construir o pensamento de alguém.

Assim, a despeito de todos os comentários, censuras e predições,

Eu firmemente aderi à insegura convicção.”

Como líderes da igreja, devemos ter “segura convicção” sobre Temperança. Em meio a tantos conflitos ao nosso redor, devemos corajosamente permanecer firmes nessa área. Estamos conduzindo vidas humanas e elas devem saber que a Igreja continua solidamente na direção. Não vamos vacilar.

Identidade Adventista e o Criticismo Evangélico

C. RAYMOND HOLMES
Professor na Andrews University

“**O**s adventistas do sétimo dia estão experimentando uma crise de identidade. Ironicamente a presente confusão está em direto contraste com a fé dos seus pioneiros”¹, escreveu Kenneth R. Samples em um artigo na revista *Christianity Today*. Ele associa essa tal crise de identidade a uma “controvérsia doutrinária” a qual “pode ser traçada por sua interação com evangélicos nos anos 50.”

A interação aqui mencionada é uma referência às “reuniões extensivas” de líderes adventistas com Walter Martin, que posteriormente escreveu *The Truth About Seventh-Day Adventisms (A Verdade Sobre o Adventismo do Sétimo Dia)*, e Donald Grey Barnhouse, então editor da revista *Eternity*. Esse diálogo “estabeleceu uma abertura sem precedentes entre adventistas e evangélicos”.

Samples crê que essa conversa conduziu a um movimento evangélico dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O maior fator, característico dessa tendência é a crença que a justificação pela fé consiste de justificação propriamente dita, seguindo-se como fruto a santificação. A implicação é óbvia: uma visão dessa natureza não conteve dentro do adventismo antigo a influência de Martin e Barnhouse.

O artigo continuava sugerindo que a “crise” no adventismo emergiu nos anos 80, com o surgimento dos “adventistas evangélicos” dentre os quais o mais proeminente foi Desmond Ford. Dessa forma, ele cria a impressão que o adventismo nos anos 80 purgou-se daqueles que mantinham um intransigente padrão de “justificação pela fé somente”.

Voltando a história

Os fatos, no entanto, são diferentes. Os adventistas do sétimo dia, desde há muito, crêem e pregam a mensagem de justificação pela fé. Um primeiro exemplo é a publicação de *Christ Our Righteousness* (Cristo Nossa Justiça), em 1929, por Arthur Daniells, ex-presidente da Associação Geral. Numa simples e descomplicada linguagem, Daniells articula a doutrina da justificação pela fé somente: “É o evangelho que revela ao homem a perfeita justiça de Deus. O evangelho também revela que a maneira pela qual essa justiça deve ser obtida pelo homem pecador, é pela fé.”² O pecador, “rendido, arrependido, confessa seus pecados, e pela fé clama a Cristo como seu Salvador. No momento em que isso é feito, ele é aceito como um filho de Deus. Seus pecados todos são perdoados, sua dívida cancelada; e ele é considerado justo, aprovado e justificado diante da lei divina. ... Isto é justificação pela fé.”³ Daniells torna claro que “o conhecimento do pecado, não a libertação do pecado vem pela lei.”⁴ “Essa maravilhosa verdade pode ser perfeitamente clara para cada crente; e deve tornar-se uma experiência pessoal.”⁵

Muito antes de Daniells, Ellen White já dizia que a mensagem da justificação pela fé: 1) foi enviada pelo Senhor especificamente ao povo adventista em 1888, num tempo em que muitos deles tinham perdido a visão cristocêntrica; 2) é a mensagem para ser dada a todo o mundo; 3) é a mensagem do terceiro anjo a qual deve ser transmitida com grande voz, resul-

tando no derramamento do Espírito Santo; e 4) guiará à obediência a todos os mandamentos de Deus.⁶

A pressão crítica exercida pelos evangélicos tem sido uma tentação para alguns adventistas abandonarem parte da mensagem de justificação pela fé, defendida por esta Igreja há mais de cem anos. O ponto de atrito é justamente o quarto item relacionado acima por Ellen White: a evidência que a justificação pela fé foi recebida é a obediência a todos os mandamentos.

A questão a ser colocada agora é se alguns adventistas têm ouvido tão atenta e confiantemente o criticismo evangélico, ao ponto de correrem o perigo de perder a visão do que aconteceu historicamente em 1888, e de nossa missão.

Crise evangélica

Um dos perigos para o adventismo hoje vem da crise de identidade e controvérsia doutrinária que parece estar minando a própria comunidade evangélica contemporânea. Essa crise é revelada nos escritos de dois de seus principais teólogos.

John F. MacArthur Júnior, um proeminente pastor e expositor bíblico, fala da erosão do evangelho entre evangélicos: “Pecadores hoje ouvem não apenas que Cristo os recebe como estão, mas também que Ele os deixa como estão!”⁷ “Multidões se aproximam de Cristo naqueles termos. ... Decidem-se por um evangelho corrompido.”⁸ O que está ausente na popular compreensão evangélica de fé é a “determinação para obedecer a verdade”.⁹

Evidentemente há pregadores evangélicos afirmando que tudo o que seus ouvintes devem fazer é crer nos fatos a respeito de Cristo, independentemente de obedecerem ou não. E mais, salvação não resulta necessariamente em mudança de comportamento. “O ensinamento predominante no mundo evangélico hoje é que os cristãos estão livres da observância de qualquer lei moral.”¹⁰

Donald G. Bloesch, professor de Teologia Sistemática no Seminário Teológico de Dubuque, reconhece que “a igreja contemporânea se encontra em um estado de fermentação teológica”.¹¹ Ele propõe uma “teologia de devoção evangélica” a Cristo. O

contraste dessa devoção é duplo: 1) o cren-te tornando-se justo; e 2) vida vitoriosa. “Devoção a Jesus Cristo separa-nos do mundo em seus pecados ao tempo em que nos identifica com o mundo em seus sofrimentos.”¹² “Santificação deve seguir-se à justificação, desde que Deus torna justo aqueles aos quais Ele declara justos.”¹³ E, “não é tanto à cruz de Cristo, mas ao poder do Cristo ressurreto, o Espírito de Cristo, que necessitamos dar especial atenção hoje”.¹⁴ Ele também fala do reino de Deus, como um “remanescente de fiéis”,¹⁵ e diz que “justificação deve ser completada em santificação, para nosso benefício”.¹⁶

O preço do discipulado

Assim a minimização da santificação é um problema entre os evangélicos hoje, com seu inevitável impacto sobre a ética e a moralidade. Dietrich Bonhoeffer falou desse problema a uma igreja que pregara sobre justificação pela fé durante 400 anos: “Graça barata significa justificação do pecado sem a justificação do pecador.”¹⁷ Escrevendo sobre a famosa descoberta de Lutero, Bonhoeffer disse: “É um fatal desconhecimento da ação de Lutero supor que sua redescoberta do evangelho da pura graça, oferece uma dispensação geral da obediência aos mandamentos de Jesus, ou que a grande descoberta da Reforma foi que a graça perdoadora de Deus automaticamente confere ao pecador justificação e santificação. ... Não foi a justificação do pecado, mas a justificação do pecador que tirou Lutero de seu claustro para o mundo. ... Na profundidade de sua miséria, Lutero agarrou-se pela fé ao incondicional perdão para todos os seus pecados. Essa experiência ensinou-lhe que a graça havia lhe custado a própria vida, e deveria ser assim dia a dia. Longe de dispensá-lo do discipulado, essa graça somente tornou-o um mais zeloso discípulo. Quando falava de graça, Lutero sempre deixava implícito, como um corolário, o custo de sua própria vida, a vida que a princípio não estava submissa à absoluta obediência a Cristo. Somente assim ele poderia falar de graça. Lutero disse que somente a graça pode salvar; seus seguidores tomaram sua doutrina e a repetem palavra por palavra. Mas esquecem-se do invariável corolário, a obrigação do discipulado. ... Lutero

sempre falava como alguém que fora levado a seguir irrestritamente a Cristo, pela graça.”¹⁹

Notemos o relacionamento entre graça e obediência, na compreensão de Lutero, segundo Bonhoeffer. A ortodoxia dos seguidores de Lutero relativa à justificação, “representa o fim e a destruição da Reforma como a revelação da magnificente graça de Deus sobre a Terra. A justificação do pecador no mundo, degenerou-se em justificação do pecado e o mundo. A magnificente graça tornou-se uma graça barata sem obediência”.¹⁹

Em outras palavras, há um abandono da essência da Reforma, manifestado hoje pela artificiosa focalização de tal interesse como ecumenicidade, resolução de problemas sociais, e uma interpretação social e política do Reino de Deus sobre a Terra. Esqueceram-se, porventura, os seguidores de Lutero, dos objetivos da Reforma? Se esse é o caso, minha firme convicção é — e a história confirma —, que a Igreja Adventista do Sétimo Dia foi chamada para recuperar e restaurar a ênfase da Reforma à qual Bonhoeffer se refere como a magnificente graça. Isso não é arrogância ou exclusivismo. Simplesmente é o reconhecimento da realidade.

Graça barata e crença fácil

O cristianismo evangélico contemporâneo, crítico da Igreja Adventista do Sétimo Dia, uniu em sua pregação graça barata e facilidade de crença. Trata-se de um tipo de evangelho que não vê a obediência cristã como parte da fé e salvação. Segundo essa visão, qualquer consideração em torno da santificação e santidade é legalismo.

Genuína fé, entretanto, sempre inclui a necessidade de obedecer. Sem obediência, a mensagem de salvação é incompleta e corrompida. De acordo com Paulo, o evangelho é para ser obedecido (Rom. 6:1; I Tess. 1:8). João Batista ensinou obediência a Jesus; (para ele fé e obediência são sinônimos — S. João 3:36). A igreja primitiva viu claramente uma harmoniosa combinação de fé e obediência (Atos 6:7). O capítulo 11 de Hebreus não faz separação entre fé e obediência. Toda a Bíblia mostra a obediência como prova de fé, e



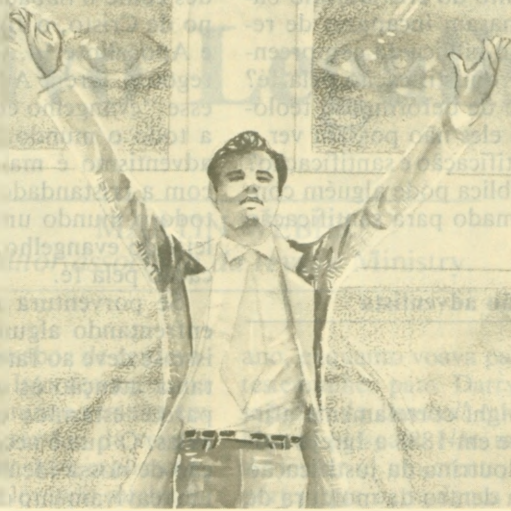
Heber

a desobediência como prova de descrença. Um dos professores que tive, costumava dizer que “boas obras não salvam mas sua ausência condena”.

MacArthur disse: “Jesus caracteriza a verdadeira justificação — aquela que provém da fé (Rom. 10:6) — como obediência não exatamente à letra da lei, mas ao espírito da lei (S. Mat. 5:21-48). ... No Sermão da Montanha, Ele resumiu a real medida da justiça: ‘Portanto, sede vós perfeitos, como perfeito é vosso Pai que está no Céu’” (S. Mat. 5:48).²⁰

Em virtude de que os padrões de Deus estão sempre muito além daquilo que o ser humano pode alcançar, Ele provê fé para crer, assim como os recursos do Céu para habilitar o crente a segui-Lo estritamente em fé e obediência. Enquanto indivíduos querem conhecer as bênçãos da salvação, não querem necessariamente conhecer ou submeter-se à autoridade e ao domínio de Cristo. Jesus como Salvador, sim. Jesus como Senhor, não. Mas é próprio da natureza filial obedecer. Jesus foi obediente à vontade de Seu Pai, e os cristãos não podem ser diferentes.

Alguns evangélicos hoje poderiam dizer que enquanto cada crente é justificado, nem todo crente será santificado; que justificação não resulta necessariamente em mudança de comportamento. Mas essa é uma incorreta separação entre justificação e santificação. É uma falsa dicotomia. A verdade é que cada pecador a



João

quem Deus justifica, Ele também santifica. Isso quer dizer que verdadeira salvação resulta em vida de obediência.

Aqueles a quem Deus declara justos (justiça imputada), Ele torna justos (justiça repartida). Enquanto justificação e santificação são apresentadas como conceitos teológicos diferentes, são, na realidade, uma experiência unida. Uma pessoa não pode ter uma sem a outra. Somente os que são justificados podem ser santificados; somente os que estão sendo santificados podem corretamente clamar pela justificação. O crente certamente não é justificado *porque* está sendo santificado, mas ninguém pode ser justificado *sem estar sendo* santificado. “Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino do Céu, mas só o que faz a vontade de Meu Pai que está no Céu” (S. Mat. 7:21).

Voltando a Daniells, entendemos que sua compreensão da justiça de Deus é clara. Ele cria que a justiça através da fé resulta em obediência na qual o novo crente “guarda os mandamentos de Deus. Experimenta a maravilhosa transformação de transgressor da lei para guardador de seus retos preceitos. Essa maravilhosa mudança pode ser operada somente através da graça e do poder de Deus na vida daqueles que fazem de Cristo seu substituto, seu redentor. Portanto, deles se diz que ‘têm a fé de Jesus’”.²¹

Conhecendo e experimentando as bênçãos da justificação — regeneração, novo

nascimento, perdão, etc. —, “eles devem conhecer por sua vitoriosa experiência, que estão sendo guardados pela ‘fé de Jesus’, e que por essa fé, estão capacitados a observar os mandamentos de Deus”.²²

Esta é a mensagem de 1888: justificação pela fé torna possível, pela graça de Deus, a observância dos mandamentos. O que alguns evangélicos desejam que os adventistas abandonem é sua crença no poder da graça para transformar o pecador em um fiel e obediente filho de Deus (Efés. 1:18-23; 3:14-21). É essa parte da compreensão adventista a respeito da justificação pela fé que transtorna alguns evangélicos. Ironicamente, no entanto, é justamente esse conceito que tem motivado outros pensadores evangélicos e pregadores como MacArthur e Bloesch a reafirmarem a mensagem completa da Reforma.

Alguns evangélicos são preparados para relegarem os adventistas do sétimo dia a um plano inferior, se nós persistimos na manutenção do equilíbrio entre justificação e santificação. Samples menciona: “nos anos setenta o adventismo estava em uma encruzilhada: deveria tornar-se completamente evangélico? Ou deveria retornar ao tradicionalismo sectário?” A implicação é óbvia. Para o adventismo, tornar-se “completamente” evangélico requer o abandono de sua compreensão da interdependência entre justificação e santificação e a opção pela visão evangélica contemporânea. A recusa pode levar ao risco de ser classificado como sectário.

Talvez poderíamos desafiar os evangélicos com algumas poucas questões. Têm eles se afastado tanto do cristianismo básico que já se tornaram incapazes de reconhecer a exatidão bíblica da compreensão adventista sobre justificação pela fé? Não seria um caso de deformação teológica o fato de que eles não possam ver o equilíbrio entre justificação e santificação? Sobre qual base bíblica pode alguém conceber que um chamado para santificação seja legalismo?

A vocação adventista

George Knight corretamente afirmou que em 1888 a Igreja Adventista tomou a doutrina da justificação pela fé e colocou-a dentro da moldura de outras verdades. A doutrina da justificação pela fé com seus dois pilares — fé salvadora em Cristo, e os mandamentos de Deus —, está entre as grandes verdades do cristianismo evangélico.²³ Assim Ellen White pôde dizer que a mensagem recebida em 1888 “não era uma nova luz, mas uma antiga luz colocada onde deveria estar no contexto da mensagem do terceiro anjo”.²⁴

Essa é a mensagem que eu ouvi pregar, ser ensinada e confessada desde há vinte anos, quando ingressei em um seminário teológico adventista. Tendo servido como pastor numa igreja evangélica, eu estava ansioso para descobrir se Cristo vivia ou não no adventismo. Para minha surpresa, praticamente cada pessoa com quem eu me deparava era um evangélico adventista. Eu não conheci outro tipo.

O fundamental para o adventismo sempre foi e continua sendo a justificação pela fé. Muito da crítica ao adventismo como legalístico baseia-se na ignorância, no prejulgamento, alterando a compreensão bíblica da justificação pela fé, e demonstrando má vontade em ver o Senhorio de Cristo e a obediência cristã como essenciais componentes da salvação e do discipulado.

O desenvolvimento da crise de Apocalipse 13 é o pano de fundo para o alto clamor do terceiro anjo do capítulo 14. Por conseguinte, a mensagem enviada em 1888 não pode ser considerada limitada. Deus usou a Igreja Adventista para res-

taurar essa preciosa mensagem e enviá-la no contexto de outras importantes verdades como o Sábado, o Santuário, o retorno de Cristo, o Juízo, conforme Daniel 8 e Apocalipse 14. Outrossim, Deus encarregou a Igreja Adventista para anunciar esse “evangelho eterno” em sua inteireza a todo o mundo. Destarte, a missão do adventismo é mais do que identificar-se com a cristandade básica. É proclamar a todo o mundo uma equilibrada visão de lei e do evangelho, como parte da justificação pela fé.

Se porventura estamos, como Igreja, enfrentando alguma crise de identidade, isso se deve ao fato de haveremos prestado tanta atenção às críticas evangélicas que parece estarmos começando a acreditar nelas. O que é necessário para a restauração de nossa identidade, é um reestudo e um reavivamento da mensagem bíblica que através dos tempos sempre fez deste movimento uma força espiritual no mundo.

1. Kenneth R. Samples, “The Recent Truth About Seventh-Day Adventism”, *Christianity Today*, 5 de fevereiro, 1990, pág. 19.
2. A. G. Daniells, *Christ Our Righteousness*, Washington D. C., R&H Publishing Association, 1929, pág. 21.
3. *Ibid.*, pág. 23.
4. *Ibid.*, pág. 22.
5. *Ibid.*, pág. 29.
6. Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros*, págs. 91 e 92.
7. John F. MacArthur, *The Gospel According To Jesus*, Grand Rapids, Zondervan, 1988, pág. 169.
8. *Ibid.*, pág. 170.
9. *Ibid.*, pág. 173.
10. *Ibid.*, pág. 190.
11. Donald G. Bloesch, *The Crisis of Piety*, Colorado Springs, Helmers and Howard, 1988, pág. 7.
12. *Ibid.*, pág. 19.
13. *Ibid.*, pág. 16.
14. *Ibid.*, pág. 17.
15. *Ibid.*
16. *Ibid.*, pág. 19.
17. Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship*, Nova Iorque, The Macmillan Co., 1957, pág. 37.
18. *Ibid.*, pág. 42.
19. *Ibid.*, págs. 43 e 44.
20. MacArthur, pág. 177.
21. Daniells, pág. 83.
22. *Ibid.*, pág. 85.
23. George Knight, *Angry Saints*, Hagerstown, Md R&H, 1989, pág. 128.
24. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, pág. 168.

Liberdade Para o Cativo Legalista

MARTIN WEBER

Editor associado da revista Ministry.

Já sentiu você o dissabor de ser levado preso? Eu já. Isso aconteceu há pouco mais de um ano, numa semana em que eu deveria viajar a serviço da revista *Ministry*. Você deve gostar desta explicação.

Numa tarde eu estava levando minha filha Christi, de um passeio no *shopping* para a casa de um amigo. Depois de fazer um retorno à esquerda, para alcançar uma estrada livre, logo percebi luzes vermelhas e azuis piscando através do retrovisor. Policiais já estavam trabalhando atentamente, chamando-me para explicações. Parei, e permaneci desanimadamente sentado durante seis minutos enquanto o policial se comunicava com o quartel central, através de um rádio, buscando assegurar-se de que eu não era algum traficante de drogas. Finalmente ele entregou-me um papel amarelo onde eu devia assinar meu nome, após o que, timidamente, continuei a viagem.

Não querendo registro de multa manchando meu registro de motorista, gastei o próximo domingo na escola de tráfego. Foi aí onde eu me deparei com a realidade de que havia estado preso por alguns instantes. Segundo as leis da Califórnia, quando o oficial apanhou-me ele colocou-me sob prisão. Ao assinar o papel que me foi entregue, eu estava admitindo justamente isso. Quando ele me permitiu dirigir outra vez, estava me liberando da detenção.

Eu fiquei verdadeiramente chocado ao descobrir que eu agora era um criminoso. Um transgressor da lei como outro qualquer. E eu que pensava ser um cidadão honrado! Assim como pensava ser também um muito gentil esposo.

Mais ainda, pensava ser um excelente obreiro de Cristo. E até cheguei a tentar tirar vantagem das oportunidades para ganhar almas que Ele me deu. No último

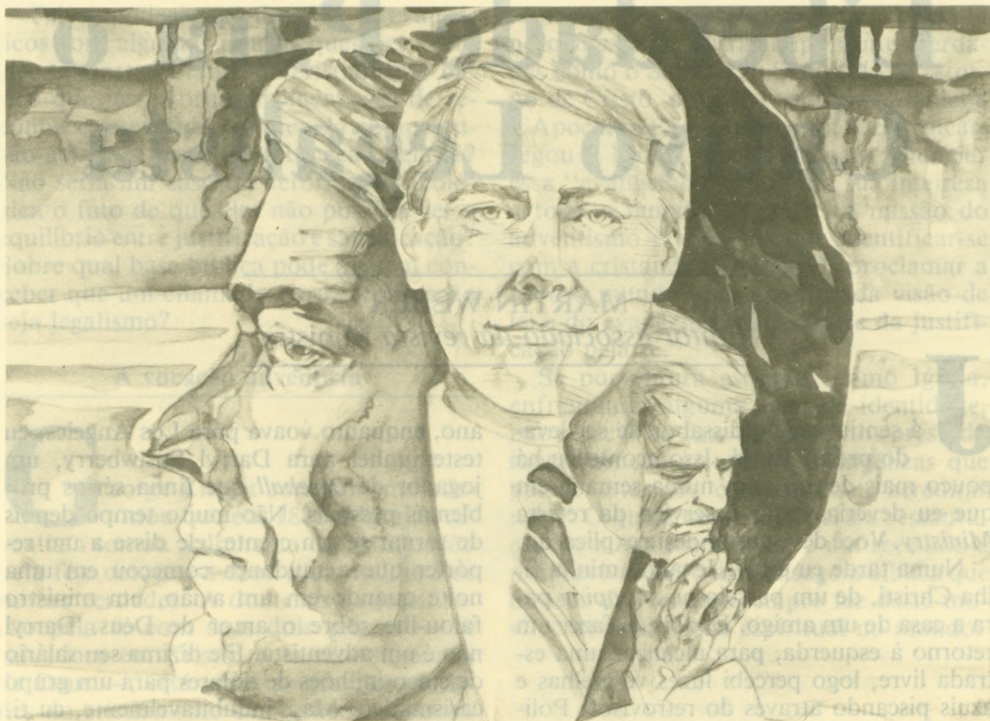
ano, enquanto voava para Los Angeles, eu testemunhei para Darryl Strawberry, um jogador de *baseball* que tinha sérios problemas pessoais. Não muito tempo depois de tornar-se um crente, ele disse a um repórter que a mudança começou em uma noite quando em um avião, um ministro falou-lhe sobre o amor de Deus. Darryl não é um adventista. Ele dizima seu salário de cinco milhões de dólares para um grupo carismático. Mas, indubitavelmente, eu tive algum papel em sua conversão. Isso me fez feliz.

E, confesso, para minha vergonha, que também fiquei orgulhoso. Que pena! Deus conduz as coisas, usa-me, e eu atribuo a glória a mim mesmo. Vergonha por meus motivos confusos. Eu na verdade não sou tão bom obreiro cristão, depois de tudo, nem sou tão bom esposo ou tão correto cidadão.

E quanto a você, colega de ministério, qual é o seu sentimento? É você um bom cidadão? Ou também se sente sob a condenação da lei? Acabei sendo informado de que em média, os motoristas transgridem as leis de trânsito oito vezes por dia.

Agora vamos sair da estrada e visitar seu lar. Quão bom esposo você é? Mostra-se compreensivo e abnegado todo o tempo? Ou quando senta em sua cadeira de balanço, folheando revistas, algumas vezes seus olhos param demoradamente em alguma figura tentadora? Na Igreja, você é especialmente atencioso e alegre com as pessoas atraentes do sexo oposto?

E você, esposa que lê este artigo, não sinta justiça própria se o seu esposo luta contra as tentações sexuais. Naturalmente é verdade que acariciar pensamentos lascivos equivale a adultério, e isso é inexcusável. Em Deus existe abundância de poder espi-



João

ritual para guardar a mente e o coração do seu esposo em Cristo Jesus. Mas lembre-se de suas próprias lutas. Tende você a mergulhar em um poço de ressentimento quando ele a desaponta? Jesus disse que a indulgência com uma atitude odiosa e de amargura equivale a crime.

O fato é que todos nós somos pecadores. A Bíblia diz: “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas, cada um pelo seu próprio caminho” (Isaías 53:6). Se como pecadores procuramos nos relacionarmos com um Deus santo com base em nossas conquistas espirituais, nós somos malditos, estamos condenados e mortos.

Notemos a surpreendente advertência da lei de Deus: “Todos quantos pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas escritas no livro da lei, para praticá-las” (Gál. 3:10). A lei de Deus requer absoluta perfeição. Todas as coisas no livro da lei devem ser cumpridas a cada momento. E isso requer mais que mera resistência à tentação para fazer alguma coisa errada ou alimentar pensamento proibido. A lei amaldiçoa não apenas pecados de comissão — as coisas más que praticamos —, mas os pecados de omissão — as boas coisas que não fazemos.

Aqui nós temos um assombroso sopro para nossa justificação própria. Desde que a lei requer não apenas ausência de pecado, mas perfeito cumprimento de todos os deveres, nós jamais deveríamos transigir com o pecado, ainda estando sob a maldição da lei. Pense nisso!

Essa foi uma novidade absolutamente chocante para mim. Então, que esperança nós temos? Eu ponderei. Continuei lendo em Gálatas 3 e descobri minha salvação: “Cristo resgatou-nos da maldição da lei, fazendo-Se Ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: ‘maldito todo aquele que for pendurado no madeiro’” (v. 13). Graças a Deus, Jesus tomou nossa maldição para que nós possamos receber Sua bênção. Ele usou nossa coroa de condenação para que possamos usar Sua coroa de glória.

Essa boa nova deve enternecer nossos corações e encher-nos com o mesmo intenso amor, a tal ponto que seremos induzidos a guardar todos os Seus mandamentos. Repousando em Cristo não esmoreceremos na complacência. A graça de Deus dá-nos coragem para encarar os nossos pecados: “e os que são de Cristo crucificaram a carne com suas paixões e concupiscências” (Gál. 5:24). Quão doloroso

so é que muitos crentes nominais — algumas vezes incluindo ministros —, tornam-se descuidados, reclamando as bênçãos da cruz, enquanto continuam agarçados ao pecado. Estão igualmente amaldiçoados, condenados e mortos. “Não vos enganéis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para sua própria carne, da carne colheirá a corrupção...” (Gál. 6:7 e 8).

A despeito da sincera obediência, nós carecemos da glória de Deus. O fato é que “o ideal divino para Seus filhos é mais alto que os pensamentos humanos podem alcançar”, diz Ellen G. White.

Consideremos estas solenes palavras: “É pecado desperdiçar nosso tempo; é pecado desperdiçar nossos pensamentos. Perdemos todo momento que dedicamos ao egoísmo. Se cada momento fosse devidamente avaliado e empregado do modo devido, teríamos tempo para tudo o que necessitamos fazer para nós mesmos ou para o mundo.” — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 208. Meu irmão, minha irmã, quão perto nós estamos desse elevado padrão? As pessoas que padecem de legalismo necessitam compreender a maldição da lei; como ela condena como pecado, cada traço de injustiça e imperfeição. Quão ousados e presunçosos nos demonstramos ao argumentarmos com Deus com base em nossas conquistas! Aqueles que vivem pela lei, morrerão pela lei. Se nós insistimos em ascender ao Céu, a partir do Monte Sinai, nós perderemos nossa alma. Salvação somente é possível no Monte Calvário.

Somente sobre a base da graça de Deus podemos ter um relacionamento com Cristo. Todavia, é tão difícil admitir nossa insuficiência!

Um amigo meu apresentava uma mensagem numa reunião campal, quando uma senhora, no final, aproximou-se dele e muito desapontada disse: “Jovem, eu tenho servido a meu Senhor por 40 anos como uma obreira bíblica; e você está dizendo que todo o meu sacrifício não conta nada no julgamento?”

“Minha cara irmã”, respondeu o pastor, “somente o sacrifício de Cristo na cruz conta alguma coisa para o julgamento. Sua única esperança, e minha, é ‘Je-

sus Filho de Davi, tem misericórdia de mim’.”

Sabe qual é o verdadeiro problema do legalista? Ironicamente ele não leva a lei tão a sério como parece. Procura estabelecer padrões para a Igreja, mas seus próprios padrões de santidade são desmedidamente baixos. Na tentativa para argumentar com Deus sobre quão bem ele está cumprindo a lei, inevitavelmente minimiza seus infinitos requerimentos. O fundamento de sua fé é realmente uma aparência de uma fina camada de gelo quebrando sob seus pés. Na verdade, sua única esperança está em Cristo, a sólida Rocha.

“Jamais poderemos alcançar a perfeição através de nossas boas obras. O indivíduo que contempla a Jesus pela fé, repudia sua própria justiça. Ele vê a si próprio como imperfeito, insuficiente seu arrependimento, considera fraqueza sua maior demonstração de fé, inferior seu mais dispendioso sacrifício, e então mergulha em humildade ao pé da cruz. Mas uma voz vinda dos oráculos divinos, lhe fala. Com assombro, ele ouve a mensagem: ‘Nele estais aperfeiçoados.’ Agora tudo se acha em repouso em sua alma. Ele não mais precisa empenhar-se em descobrir algum valor em si próprio, algum ato meritório através do qual obter o favor de Deus.” — *Meditações Matinais*, 1986, pág. 68.

Essa declaração deixa-nos com algumas questões inquiridoras em nosso coração. Devemos arrepender-nos dos nossos pecados; mas, também deveríamos repudiar nossa justiça própria? Deveríamos ver nosso arrependimento como incompleto, nossa fé como frágil, nosso mais custoso sacrifício como insuficiente?

Talvez você tenha batizado 25 almas ou 125, ou até mais, no último ano. Isto é ótimo, mas não conte com isso para argumentar diante de Deus. Sem os méritos de Cristo continuamente imputados em nossa conta, estamos amaldiçoados, condenados e mortos.

Mas, graças a Deus, se nos entregamos inteiramente a Ele, pela fé, então estamos completos em Jesus.

De nós mesmos, somos desgraçados, miseráveis, pobres, cegos e nus. Mas em Jesus nós somos ricos, crescemos em bondade, e não necessitamos de nada mais adicional para sermos honrados.

Disciplina: Um Componente da Missão

JOSÉ CÂNDIDO BESSA FILHO
Pastor jubilado, ex-secretário ministerial da DSA.

A Missão da Igreja é abarcante. Ela deve pregar, testemunhar, salvar e conservar. No aspecto de conservar há uma faceta sobremodo delicada que é a tarefa de disciplinar. A inexistência de disciplina a faltosos em quaisquer dos níveis da Igreja contribui, e não pouco, para a apostasia a médio e longo prazos. A falta de correção, a prática da impunidade, acabam gerando desconfiança e incredulidade na Igreja. A impunidade é combustível para alimentar a corrupção e a rebeldia.

A Bíblia menciona: “Visto como não se executa logo a sentença contra a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal” (Ecl. 8:11).

Assim, quando os princípios não são defendidos com risco, não apenas da posição ocupada, como da própria vida, estamos contribuindo para o aumento da corrupção e da rebelião; estamos contribuindo para que outros, com mais ousadia, pratiquem maiores desrespeitos às normas da Igreja. Detectando o perigo, Ellen White declarou: “a linha divisória entre a Igreja e o mundo já se torna quase imperceptível. O povo está-se subordinando ao mundo, às suas práticas, seus costumes e egoísmo. Diariamente a Igreja está-se convertendo ao mundo. Os professos seguidores de Cristo não são mais um povo separado e peculiar.” — *Serviço Cristão*, pág. 45.

A Igreja sempre foi afetada, em maior ou menor grau, pelas práticas, pelos costumes e cultura de sucessivas épocas. Israel cansou-se da simplicidade das normas da Teocracia e pediu para si um rei como o tinham todas as nações (I Sam. 8:5). Desse modo, sempre que surge essa ou aquela moda lançada em Paris, Hollywood ou Rio de Janeiro, há uma agressão às normas da mo-

déstia e da simplicidade cristãs. Onde há maior *status* cultural, social e econômico, a impunidade é praticada com mais frequência.

Isaías bradou contra a impunidade em seus dias: “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem, mal; ... põem o amargo por doce, e o doce por amargo!” (Isa. 5:20). Por sua vez, Paulo condenou a impunidade praticada na igreja de Corinto. Falava ele da tolerância para com a prática do adultério. Havia quem mantivesse relações sexuais com a própria mãe: “... e não chegastes a lamentar para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou?” (I Cor. 5:1 e 2). Ele então compara a prática da impunidade a um fermento capaz de contaminar toda a massa (v. 6).

Houve tempos em que não era difícil chegar-se à conclusão sobre a necessidade de disciplina para quem transgredisse o 4º e o 7º mandamentos. Hoje, lamentavelmente, é possível encontrar-se resistência em alguns lugares onde tais providências necessitam ser tomadas.

Vivemos em um mundo corrompido. Alguns dizem que vivemos num país que é o “paraíso da impunidade”. Nunca se fez tantas denúncias através de jornais, rádio e televisão a respeito da corrupção e dos corruptos. E nada acontece. A imprensa diz o nome de quem roubou, quanto roubou, fornece o endereço do autor do roubo, fala onde está o produto do roubo e nada acontece.

Como líderes da Igreja do Senhor, precisamos cuidar para não assimilarmos as práticas do mundo, a ponto de nos acharmos colocados no vergonhoso quadro descrito em Juízes 17:6: “Naqueles dias não havia rei em Israel: cada qual fazia o que achava mais reto.”

A correção amorosa, justa e imparcial faz parte do programa de conservação da Igreja. Jamais devemos dar a impressão de que não há rei na congregação, seja ela grande ou pequena. Jamais deixar margem para se pensar que não há rei na Missão ou na Associação, ainda que venha custar a degola. Nunca deixar a impressão de que não há rei na União, ainda que a guilhotina nos aguarde. Não, nunca deixar que se sinta não haver rei na Divisão, ainda que nos aguarde um pelotão de fuzilamento no futuro.

“A maior necessidade do mundo e da Igreja hoje é de homens que não se comprometem nem se vendam; homens que sejam tão fiéis ao dever como a bússola o é ao pólo...”

Uma única definição do caráter de Deus seria o suficiente — o amor. Deus é amor. Está escrito nas obras criadas e na Santa Bíblia. Nas leis e declarações complementares Deus pormenoriza explicando o que é ser amor.

Do Senhor é dito ser “compassivo, clemente, longânimo, grande em misericórdia e em fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado...” (Êxo. 34:6 e 7). Através do Profeta Jeremias Ele mesmo nos diz que nos ama “com amor eterno” e nos atrai com “amorável benignidade” (Jer. 31:3). Seu amor jamais acaba. Entretanto, este mesmo Deus, que não faz outra coisa senão amar, combina em Seus atos misericórdia e justiça. Jamais, em nenhum lugar Ele aparece enveredando pelos descaminhos da impiedade. Seu caráter santo não traz essa marca. Porque ama com amor eterno, de tal modo intenso e belo, Ele repreende e castiga a todos aqueles a quem ama (Apoc. 3:19; Prov. 3:12).

Disciplina no Céu

O rebelde não era um “João-Ninguém”. Não era uma pessoa inexpressiva, sem influência. Depois da Trindade, ele era o *superstar*, perfeito em sabedoria, formosura; fazia parte da guar-

da presidencial; suas vestes eram cobertas de pedras preciosas; era ele o regente do coral de milhões de vozes. Apreciado nos Céus e nos mundos habitados.

Mas a rebelião que esse ser promovera alcançara seu limite máximo. A terça parte dos membros da Igreja envolvera-se. Perante os mundos habitados levantaram-se suspeitas contra o caráter de Deus, Seu governo e Sua Lei. Parte dos que não aderiram abertamente eram simpatizantes da causa de Lúcifer. A hora de uma tomada de posição chegara. Deus não enveredou pelos descaminhos da impunidade. Fora misericordioso, agora seria justo. Aplicaria a disciplina.

Lúcifer foi então destituído, não transferido, de sua posição. Foi cortado da Igreja e expulso do aprisco. “Nenhuma mácula de rebelião foi deixada no Céu” — *História da Redenção*, pág. 19.

O arqui-rebelde e seus asseclas seriam no futuro cortados do número dos viventes. Deus não deixou a impressão de que não havia rei no Universo, e que cada um pudesse desprestigiar como bem o entendesse.

A impunidade cria ambiente para o descrédito, desânimo e apostasia. Ela não existe como componente do caráter de Deus. Nem anjos foram poupados (II S. Ped. 2:4-6).

Deus esperou, sofreu, trabalhou para recuperar, mas não condescendeu. Mesmo sendo Lúcifer um anjo superior, tendo a importância e a posição que possuía, Deus o puniu. Disciplinou-o. Não chamou o culpado de inocente, nem confundiu o mal com o bem.

Disciplina no Éden

O Éden, assim como o Céu, não parecia um lugar próprio para o surgimento da erva daninha do mal. Toda a criação prodigalizava ambiente para louvor, reconhecimento, gratidão e obediência. No Céu, a metade dos membros foi cortada da Igreja. No Éden, 100% foram eliminados. Estivéssemos nós na comissão de avaliação de uma grande perda lá no Éden, o que diríamos? Esses candidatos foram deixados sem conservação; o evangelista os preparou tão pobremente que não resistiram à primeira prova.

O certo é que a perda ali foi maior que a do Céu, e trouxe conseqüências que se arrastam por séculos e milênios.

Deus procurou o casal culpado. Expôs o plano da salvação, matou o cordeiro, fez túnicas de pele, ouviu sobre seus sentimentos. Adão e Eva chegaram a desejar morrer em lugar de Jesus.

A despeito de toda a humilhação e arrependimento experimentados por eles, Deus os puniu. O amor, a misericórdia, o perdão, não invalidam a prática da justiça. O Senhor mostrou ao primeiro par de seres humanos o portal do Éden, expulsando-os dali.

Sabedor de que o coração pecaminoso torna-se corrupto e corruptor, Deus pôs querubins e uma espada que revolvía impedindo que alguém tentasse aproximar-se da Árvore da Vida, mostrando assim que a disciplina faz parte do programa de salvar almas.

Em Israel

Miriã ficou leprosa. Seu irmão, Arão, foi duramente repreendido quando condescendeu no caso do bezerro de ouro. O próprio Moisés foi punido com o impedimento de entrar em Canaã. Falando do erro cometido por ele, no episódio da água da rocha, escreve Ellen White: “A transgressão foi conhecida por toda a congregação; e, se tivesse passado sem a devida consideração, ter-se-ia dado a impressão de que a incredulidade e a impaciência sob grande provação poderiam ser desculpadas naqueles que ocupam posições de responsabilidade. ... Quanto mais importante é a posição de alguém, e maior sua influência, maior é a necessidade de que cultive a paciência e a humildade.” — *Patriarcas e Profetas*, págs. 440 e 441.

“Deus quer que Seus servos demonstrem sua lealdade, repreendendo fielmente a transgressão, por penoso que seja esse ato. Aqueles que são honrados com uma missão divina, não devem ser fracos e flexíveis servidores de ocasião. Não devem ter como seu objetivo a exaltação própria, nem afastar de si os deveres desagradáveis, mas sim efetuar a obra de Deus com inabalável fidelidade.” — *Idem*, pág. 331.

Num dia de sábado, enquanto a congregação prestava adoração a Jeová, um cavaleiro foi ao campo buscar lenha. Não havia ainda as leis complementares mostrando que disciplina deveria ser aplica-

da. Moisés levou o caso ao Senhor e a punição veio em seguida: o homem foi apedrejado (Núm. 15:32 a 36).

Para quem apresentava fogo estranho, Deus disciplinava com fogo. No mesmo livro de Números é relatado um caso de disciplina. As moabitas conseguiram infiltrar-se no arraial de Israel. Diz o texto que o povo começou a prostituir-se. Deus ordenou a Moisés que os faltosos fossem disciplinados (Núm. 25:1-15). Apesar de tudo, Zinri, príncipe da tribo de Simeão, tomou uma midianita, pagã, e ostensivamente “perante os olhos de Moisés e de toda a congregação” atravessou o arraial, indo para sua tenda levando Cosbi. Que fazer? Zinri era um príncipe, gente importante. Mesmo assim, Eleazar tomou a lança, foi à tenda e atravessou a ambos.

Os versos 12 e 13 falam da aprovação de Deus à disciplina aplicada. Diz também que o gesto de Eleazar afastou a ira de Deus e aprovou a continuidade de seu sacerdócio.

Nos dias de Davi, autoridades reais tinham poder de vida e morte sobre seus súditos. Ninguém ousava levantar a voz contra um rei. Eles possuíam fornalhas para queimar, covas com leões para devorar, e espadas para matar. O déspota Saul dizimara várias dezenas de sacerdotes com suas respectivas famílias.

Davi, embora tenha começado seu reinado de maneira positiva, acabou tomando a esposa de um homem chamado Urias e mandou matá-lo. Ninguém disse nada. A comissão da igreja calou-se. A Mesa Administrativa do Campo e da União, também. Somente Deus não agiu impunemente, e disciplinou-o através do profeta Natã. Várias vezes, ao fazer referências a Davi, o Senhor assim Se expressou: “Davi foi bem em tudo, menos no caso de Urias”. Deus não Se deixa levar por motivos mesquinhos. É amoroso e justo.

Talvez haja ocasiões em que não poderemos impedir a injustiça, mas nunca devemos deixar passar a oportunidade de protestar sabiamente.

Deus está agindo

Deus não é um velho cansado, que não reage mais, que não abre mais a Sua boca, que não levanta mais a Sua mão; Deus não está tão desiludido com

a raça humana a ponto de não mais intervir, entregando-a a seus próprio ímpetos. Não é um Papai Noel meio bobo que satisfaz aos desejos de todo o mundo e não exige coisa alguma.

Ele não é indiferente, não faz figura apenas; não empresta Seu nome aos poderosos, não assina papéis que outros redigem, não envelhece, não Se aposenta, não Se desanima, nem pede demissão de Sua glória e autoridade.

Basta ver na parábola dos lavradores maus (S. Mar. 12:1-12) para entendermos que Deus não é débil. De fato, Ele demonstrou uma enorme paciência com aqueles lavradores que agarraram, espancaram, insultaram e mataram os Seus servos, não apenas dois ou três, mas muitos outros, e, por fim, o Seu próprio amado Filho.

É preciso, no entanto, ler o resto da parábola. Ela na verdade encerra a história do trato de Deus com os homens. Ele é um campeão do amor, da paciência, da longanimidade, mas é justo. “Virá e exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros” (v. 9). Essa é a completa identidade de Deus.

Companheiros, toda vez que deixamos de cumprir nosso dever em repreender, aconselhar e clamar contra as tentativas de transgressão dos princípios, estamos contribuindo para fortalecer a corrupção, a rebelião e a apostasia.

Diz a serva do Senhor: “Foi-me mostrado que Deus aqui ilustra como Ele considera o pecado entre os que professam ser Seu povo observador dos mandamentos. Aqueles a quem Ele tem honrado especialmente com o testemunhar as assinaladas manifestações de Seu poder, como aconteceu com o antigo Israel, e que ousam mesmo então menosprezar Suas expressas direções, serão sujeitos a Sua ira. Ele quer ensinar a Seu povo que a desobediência e o pecado são excessivamente ofensivos a Seus olhos, e não devem ser considerados levemente. Ele nos mostra que, quando Seu povo se encontra em pecado, devem-se tomar imediatamente medidas positivas para tirar esse pecado do meio deles, a fim de que Seu desagrado não fique sobre todos.

“Se, porém, os pecados do povo são passados por alto por aqueles que se acham em posições de responsabilidade, o desagrado de Deus estará sobre eles, e Seu povo, como um corpo, será responsável

por esses pecados. ... Um pecador pode difundir trevas que excluam a luz de Deus de toda a congregação. ... Deus nos manda falar, e não ficaremos silenciosos. Caso haja erros claros entre Seu povo, e os servos de Deus passem adiante, inferentes a isso, estão por assim dizer apoiando e justificando o pecador, e são igualmente culpados, incorrendo tão certo como ele no desagrado de Deus; pois serão tidos como responsáveis pelos pecados do culpado.

“Os que passaram por alto esses erros têm sido considerados pelo povo muito amáveis e de disposição benigna, simplesmente por haverem eles recuado do desempenho de um claro dever escriturístico. Essa tarefa não agradava a seus sentimentos; evitaram-na, portanto.” — *Testemunhos Seletos*, vol. 1, págs. 334 e 335.

Tudo isso deve fazer-nos pensar. O reprovar o pecado, o corrigir, o disciplinar, o clamar “em alta voz e a plenos pulmões” as transgressões do povo de Deus, faz parte do plano da salvação, tanto como o anunciar a Justificação pela Fé.

No mesmo momento em que Jesus estava pendurado na cruz, salvando, Ele estava mostrando com que tipo de morte serão disciplinados os que rejeitarem Seu sacrifício: morte eterna, desamparo completo!

Enquanto educadores e psicólogos modernos ridicularizam a disciplina, incriminando-a como responsável pelos desvios na formação e desenvolvimento de uma personalidade sadia, Deus diz: “eu repreendo e castigo a todos quantos amo”.

Se queremos contribuir para a redução da apostasia, e ajudar na conservação das pessoas na Igreja, necessitamos restaurar a sua autoridade e a autoridade dos que a dirigem em todos os níveis.

A prosperidade espiritual da Igreja está muito ligada ao comportamento dos líderes. Nos dias de Israel, sempre que a liderança era fraca, pobre de poder, quando os princípios não eram de todo praticados e respeitados, o povo descia a níveis baixos na sua experiência com Deus.

Ao atentarmos para esse assunto, haverá mais respeito e valorização das normas. Estaremos contribuindo para estancar o fenômeno da apostasia ocasionada pelo afrouxamento inegável na prática dos princípios sagrados da Palavra de Deus.

Minha Confissão de Fé

RICARDO CABERO
Professor no SALT — Artur
Nogueira.

Neste artigo pretendo enumerar as razões pelas quais rejeito pessoalmente a pretensa mensagem escatológica exposta do opúsculo intitulado “*Contagem regressiva, ano 2000*”. Quatro pressuposições justificam a minha tomada de posição:

Primeiramente, sou ancião de igreja e, como tal, tenho recebido a incumbência de “... exortar pelo reto ensino, convencer os que contradizem. Porque existem muitos insubordinados, palradores frívolos, e enganadores... É preciso fazê-los calar porque andam pervertendo casas inteiras, ensinando o que não devem, por torpe ganância... Portanto, repreende-os... para que sejam sadios na fé” (Tito 1:9-11 e 13).

Em segundo lugar, sou professor de Teologia. Minha posição perante os meus alunos, futuros pastores e líderes da Igreja, induz-me a abrir o coração para lhes dizer que “precisamos, porém, recusar firmemente ser afastados da plataforma da verdade eterna que desde 1844 tem resistido à prova” — *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 200. É nosso privilégio defender os alicerces da fé que nos legaram os pioneiros do movimento adventista.

Terceira pressuposição: sou um pastor. E, portanto, é meu privilégio “atender todo o rebanho... pastorear a igreja de Deus...”, pois constantemente estão tentando penetrar nela “lobos vorazes que não pouparão o rebanho... Dentre vós mesmos se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles. Portanto, vigiai...” (Atos 20:28-31).

Finalmente, acredito na Bíblia e no Espírito de Profecia. Perante uma tentativa a mais de alguns se levantarem para marcar datas para o retorno de Cristo, entre o

povo de Deus, lembro-me de que o crente “não deve permitir que as pessoas acreditem numa mentira. Deve informar-lhes da verdade. Não deve deixar que as pessoas pensem que o assunto pode ser ou não ser...” — *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, págs. 398 e 399.

Expostas as justificativas acima, passo a enumerar as razões pelas quais não acre-



João

dito na pseudo-mensagem do panfleto "Contagem regressiva ano 2000".

Razão nº 1 — Deus está guiando uma igreja, um povo, não indivíduos separados para lhes confiar Sua verdade.

"Deus tem uma Igreja na Terra que é Seu povo escolhido, que guarda os Seus mandamentos. Ele está conduzindo, não galhos extraviados, não um aqui e outro lá, senão um povo." — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 79.

"O tempo atual é de grande perigo para o povo de Deus. O Senhor está conduzindo um povo não um indivíduo aqui e ali. Ele tem na terra uma igreja que permanece na verdade..." — *Idem*.

Razão nº 2 — O panfleto cita tendenciosamente os Testemunhos.

Após citar os *Testemunhos Seletos*, vol. 1, págs. 505 e 506, na página 37 do mencionado opúsculo, o autor conclui dizendo: "A pregação da serva do Senhor é clara: assim como Deus enviou uma men-

sagem de tempo através de Noé, e esta foi ridicularizada, o mesmo se daria por ocasião da vinda de Jesus. Ao ser anunciado o segredo de Deus quanto ao dia que Ele estabeleceu para a vinda de Jesus, muitos não de se opor, referindo-se às predições anteriores de tempo que não se cumpriram".

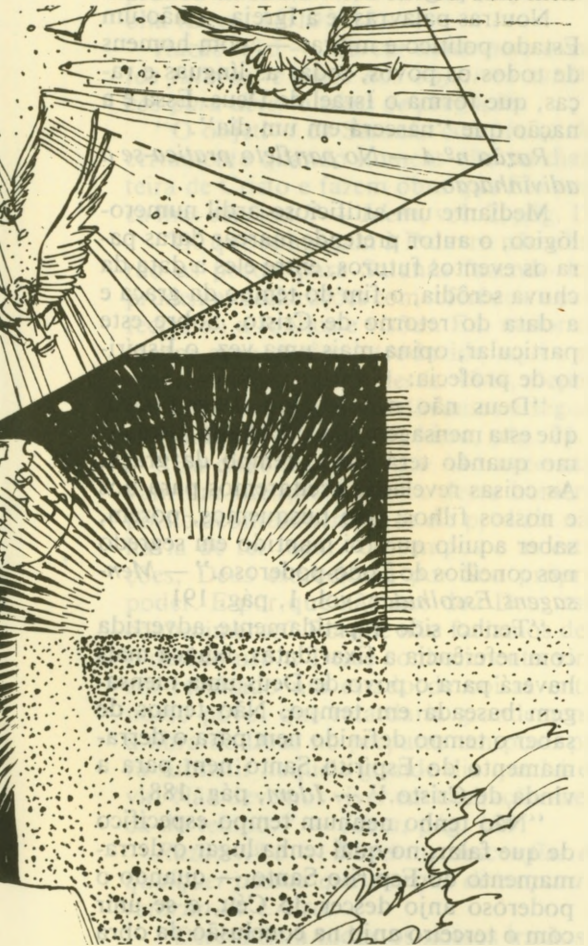
Mas o que diz realmente Ellen G. White na referida citação? Vejamos:

O primeiro parágrafo da seção intitulada "A influência do marcar tempo" menciona que "muitos que se têm chamado de adventistas, têm marcado tempo. Repetidamente marcavam uma data para a vinda de Cristo..." Salienta então, que "o tempo exato da vinda do Senhor... acha-se além do conhecimento dos mortais". "Por isso que passou repetidamente a data marcada, o mundo está hoje em mais positivo estado de incredulidade do que antes, com respeito ao próximo advento de Cristo." Afirma em seguida, a serva do Senhor que, em virtude do fracasso da marcação de datas para o retorno de Cristo, "os homens têm sido enganados, dão costas à verdade sustentada pela Palavra de Deus, de estar às portas o fim de todas as coisas". Outrossim, diz que "os que tão presumidamente pregam um tempo definido, assim fazendo agradam ao adversário das almas; pois promovem a incredulidade, e não o cristianismo".

A seguir, informa que os que marcam tempo para a vinda de Cristo "citam passagens das Escrituras, e mediante falsa interpretação mostram uma cadeia de argumentos que aparentemente lhes apóiam a posição. Mas seus fracassos mostram que são falsos profetas, que não interpretam devidamente a linguagem da inspiração". E mais, "esses erros têm trazido má fama à verdade de Deus para estes últimos dias".

Então, no centro do parágrafo, Ellen White afirma que, pelas razões acima apresentadas, "os homens rejeitaram a solene mensagem de advertência para os nossos dias, como fizeram no tempo de Noé".

Caso tudo isso seja pouco para convencer os "inconstantes que torcem também outras Escrituras" (II Ped. 3:16), no rodapé da página 505 encontra-se o seguinte: "O tempo não serviu mais de prova, desde 1844, e nunca mais será uma prova. O Senhor me mostrou que a mensagem do terceiro anjo tem de avançar e



ser proclamada aos esparsos filhos do Senhor, mas não deve ser feita depender de tempo. Vi que alguns se possuíam de uma falsa agitação, provinda da pregação do tempo; mas a mensagem do terceiro anjo é mais forte do que pode ser o tempo. Vi que esta mensagem pode permanecer em pé sobre seu próprio fundamento, e não precisa da questão do tempo para fortalecer-la; e que irá com grande poder, e fará sua obra, e será abreviada em justiça.” — 1851, *Primeiros Escritos*, pág. 75.

Razão nº 3 — A argumentação é uma coleção de fábulas judaicas.

A “teoria profética dos seis mil anos” isto é, a credence segundo a qual os seis dias da criação, seguidos pelo sábado, juntamente com as declarações de que para Deus um dia é como mil anos e mil anos como um dia (II Ped. 3:8), e que ao fim dos seis mil anos entraremos no sábado milenar de repouso, não tem fundamento bíblico. Essa idéia foi originada na mitologia antiga (persa e etrusca, por exemplo), e em uma analogia judaica dos dias da criação. Foi cristianizada pelo pais da Igreja e persistiu por muito tempo depois que o bispo James Ussher publicou seus *Annal* (cronologia bíblica) entre 1650 e 1658 (ver *Comentário Bíblico Adventista*, vol. 1, págs. 188, 189, 205 e 206).

O fantástico cálculo que é feito dos anos jubilares também forma parte das “fábulas judaicas”, e está confirmada em textos rabínicos, nos quais se afirma que “o rabi Judá diz que Elias contou-lhe que o mundo tem não menos de 85 ciclos jubilares, e no último ciclo o Filho de Davi virá” (Sanhedrin, 97b. Para maiores comentários e referências, ver George Wesley Buchaman, “Sabbatical Escatology” em *Christians News From Israel*, 18 de dezembro de 1967, págs. 51 a 54).

A interpretação literal das profecias sobre a “restauração de um Estado israelita também forma parte de uma fábula judaica moderna chamada *Sionismo*. Vale dizer que essa idéia faz parte da escatologia da maioria das denominações protestantes que se apóiam nos conceitos do dispensacionalismo de Scofield.

Deturpando as Escrituras, o panfleto pretende fundamentar essa heresia dispensacionalista com uma declaração do Espírito de Profecia, no tocante à obra entre os judeus: “os conversos judeus hão de ter parte importante a desempenhar, nos

grandes preparativos a serem feitos no futuro, para receber a Cristo, nosso príncipe. Nascerá uma nação em um dia”. — *Evangelismo*, pág. 579.

No entanto, tendenciosamente é omitida a informação a respeito de como nascerá essa “nação” em um dia. Eis a declaração de Ellen White:

“Nesta nossa época, vemos os gentios começarem a se regozijar com os judeus. Há conversos ora trabalhando em... e em várias cidades, em favor de seu próprio povo. Os judeus estão vindo para as fileiras dos escolhidos seguidores de Deus e estão sendo contados com o Israel de Deus nestes dias finais. Assim, alguns deles serão mais uma vez reintegrados com o povo de Deus e as bênçãos do Senhor repousarão ricamente sobre eles, se chegarem à posição de regozijo apresentada na Escritura: ‘E outra vez diz: Alegrai-vos, gentios, com o Seu povo’”. — *Idem*, pág. 578.

Noutras palavras, é a Igreja — não um Estado político e militar —, com homens de todos os povos, todas as línguas e raças, que forma o Israel de Deus. Essa é a nação que “nascerá em um dia”.

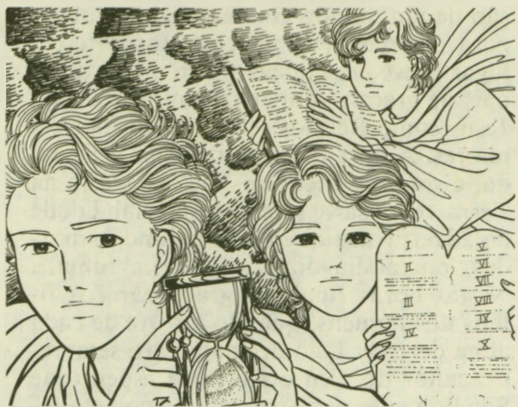
Razão nº 4 — No panfleto pratica-se a adivinhação.

Mediante um artificioso artilheiro numérico, o autor pretende marcar datas para os eventos futuros, entre eles a data da chuva serôdia, o fim do tempo da graça e a data do retorno de Cristo. Sobre este particular, opina mais uma vez, o Espírito de profecia:

“Deus não nos revelou o tempo em que esta mensagem será concluída, ou mesmo quando terá fim o tempo da graça. As coisas reveladas aceitaremos para nós e nossos filhos; não busquemos, porém, saber aquilo que foi mantido em segredo nos concílios do Todo-poderoso.” — *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 191.

“Tenho sido repetidamente advertida com referência a fixar datas. Nunca mais haverá para o povo de Deus uma mensagem baseada em tempo. Não temos de saber o tempo definido nem para o derramamento do Espírito Santo nem para a vinda de Cristo.” — *Idem*, pág. 188.

“Não tenho nenhum tempo específico de que falar, no qual tenha lugar o derramamento do Espírito Santo — quando o poderoso anjo descer do Céu, e se unir com o terceiro anjo na conclusão da obra



Marta

para este mundo; minha mensagem é que nossa única segurança é estarmos prontos para o refrigério celeste... 'porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis'." — *Idem*, pág. 192.

Toda e qualquer tentativa de adivinhar quando tais eventos acontecerão é uma prática abominável, condenada pela Bíblia (Deut. 18:10 e 12).

Razão nº 5 — Marcar datas para eventos futuros, é parte dos objetivos satânicos para deter a obra de pregação.

"O objetivo de Satanás cumpre-se tão certamente quando homens vão na dianteira de Cristo e fazem obra que Ele nunca lhes confiou." — *Idem*, vol. 2, pág. 13.

"Os que se apegam à Palavra não abrirão as portas para Satanás fazendo imprudentes declarações com referência a profecias ou a sonhos e visões. Em maior ou menor grau se têm introduzido aqui e ali manifestações falsas desde 1844, depois do tempo em que aguardávamos a segunda vinda de Cristo." — *Idem*, pág. 21.

"Eu disse ao povo que não necessitavam dar atenção à teoria desse homem; pois o acontecimento que ele predizia não havia de ter lugar. Os tempos e as estações, Deus estabeleceu por Seu próprio poder. E por que não nos deu Deus esse conhecimento? Porque não fariamos dele o devido uso... Desse conhecimento viria em resultado um estado de coisas entre nosso povo, que retardaria grandemente a obra de Deus no preparar um povo para subsistir naquele grande dia que há de vir. Não devemos viver em excitação acerca do tempo." — *Idem*, pág. 189.

Razão nº 6 — Devemos desconfiar de qualquer pessoa que marque datas para o retorno de Cristo.

"Desconfiem todos os nossos irmãos e

irmãs de qualquer um que queira marcar uma data em que o Senhor há de cumprir Sua palavra no tocante à Sua vinda, ou no tocante a qualquer outra promessa de significado especial que tenha feito. 'Não vos toca saber os tempos ou as estações que o Pai colocou na Sua potestade' (Atos 1:7)." — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 359 e 360.

"Ninguém será capaz de predizer exatamente quando virá aquele tempo: pois 'daquele dia e hora ninguém sabe'. Não sereis capazes de dizer que Ele virá dentro de um, dois ou cinco anos, nem deveis retardar Sua vinda, declarando que não será por dez, ou vinte anos." — *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 189.

"Um... defendeu e publicou uma mensagem quanto ao alto clamor do terceiro anjo... Esse é um homem inteligente, falando de maneira aceitável, e abnegado e cheio de zelo e ardor; e tendo a aparência de consagração e devoção. Mas a Palavra de Deus veio a mim: 'Não os creiais nem os envie'. Se algum homem a quem olhei era inspirado, certamente era este, mas eu lhe disse claramente que sua inspiração era de Satanás, não de Deus. Sua mensagem não apresentava as credenciais divinas." — *Idem*, vol. 2, págs. 64 e 65.

"Pessoa alguma que fixe o tempo em que Cristo deva vir ou não vir, tem mensagem verdadeira... 'Estai vós apercebidos... porque o Filho do homem virá à hora em que não penseis' (S. Mat. 24:44). Essa é nossa mensagem, a própria mensagem que os três anjos voando pelo meio do Céu estão proclamando." — *Idem*, págs. 113 e 114.

"Sempre haverá movimentos falsos e fanáticos feitos na igreja por pessoas que pretendem ser dirigidas por Deus — pessoas que correram antes de ser enviadas, e darão dia e data para o cumprimento da profecia não cumprida. O inimigo se agrada de que assim procedam, pois seus sucessivos fracassos e direção em sentido falso, causam confusão e incredulidade." — *Idem*, pág. 84.

Razão nº 7 — O dia e a hora do retorno de Cristo não serão anunciados pela boca de homem algum; e sim pelo próprio Deus, após o tempo de angústia.

"Foi à meia-noite que Deus preferiu livrar o Seu povo. Estando os ímpios a fazer zombarias em redor deles, subitamente apareceu o Sol, resplandecendo em

sua força e a Lua ficou imóvel... Sinais e maravilhas seguiam-se em rápida sucessão. Tudo parecia desviado de seu curso natural. Os rios deixavam de correr. Nuvens negras e pesadas subiam e batiam umas nas outras. Havia, porém, um lugar claro de uma glória fixa, donde veio a voz de Deus, semelhante a muitas águas, abalando os céus e a terra. Houve um grande terremoto. As sepulturas se abriram... O céu abria-se e fechava-se, e estava em comoção. As montanhas tremiam como uma vara ao vento, e lançavam por todos os lados pedras anfractuosas. O mar fervia como uma panela e lançava pedras sobre a terra. E, falando Deus o dia e a hora da vinda de Jesus, e declarando o concerto com o Seu povo, proferia uma sentença e então silenciava, enquanto as palavras estavam a repercutir pela terra. O Israel de Deus permanecia com os olhos fixos para cima, ouvindo as palavras, enquanto elas vinham da boca de Jeová e ressoavam pela Terra como estrondos do mais forte trovão. Era terrivelmente solene. No fim de cada sentença, os santos clamavam: Glória! Aleluia!...” — *Primeiros Escritos*, págs. 285, 286 e 34.

Razão nº 8 — O Elias vindouro que aparecerá “antes que venha o grande e terrível dia do Senhor” não será um homem — como pretende sê-lo o autor do panfleto — e sim um povo com o “Espírito e poder de Elias”.

“Há uma obra a ser feita em nossos campos. Pecadores que nunca ouviram a mensagem precisam ser advertidos. Oxalá que todos os filhos de Deus fossem obreiros. A obra de salvar almas não foi confiada aos pastores somente. Aqueles que têm a verdade em seu coração e que têm exercido uma boa influência nos seus lares, devem sentir que uma responsabilidade descansa sobre eles: ser um missionário de Deus... João Batista foi enviado no Espírito e poder de Elias para preparar o Caminho do Senhor, e para voltar o povo à sabedoria dos justos. Ele foi representante daqueles que vivem nestes últimos dias aos quais Deus tem confiado sagradas verdades para apresentar ao mundo, a fim de preparar o caminho para o segundo aparecimento de Cristo.” — *Testimonies*, vol. 3, págs. 61 e 62.

“Hoje, como no espírito e poder de Elias e de João Batista, mensageiros escolhidos por Deus estão chamando a aten-

ção de um mundo em vias de julgamento para os solenes acontecimentos a terem lugar breve em conexão com as horas finais de graça e o aparecimento de Cristo Jesus como Rei dos reis e Senhor dos senhores. A hora do juízo de Deus é chegada, e sobre os membros de Sua Igreja na Terra repousa a solene responsabilidade de advertir aos que estão mesmo às bordas, por assim dizer, da eterna ruína... Nestas horas finais de graça para os filhos dos homens, quando a sorte de cada alma deve ser logo decidida para sempre, o Senhor do Céu e da Terra espera que Sua Igreja desperte para a ação como nunca dantes. Os que foram feitos livres em Cristo pelo conhecimento da preciosa verdade, são considerados pelo Senhor Jesus como Seus escolhidos, favorecidos sobre todos os outros povos na face da Terra.” — *Profetas e Reis*, págs. 676 e 677.

Conclusão

Diante de tais considerações, resta-nos lembrar que não é nosso dever marcar datas para eventos futuros, e sim, estarmos prontos a cumprir nossa missão de anunciar o evangelho eterno ao mundo, tal como foi confiado à Igreja por meio do testemunho de Jesus Cristo. “Em lugar de exaurir as faculdades de nossa mente em especulações quanto aos tempos e as estações que o Senhor estabeleceu pelo Seu próprio poder, e ocultou aos homens, devemos submeter-nos ao controle do Espírito Santo, para cumprir os deveres presentes, dar o pão da vida, não adulterado com opiniões humanas, a almas a perecer por falta da verdade...” — *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 23.

Finalmente, convidamos o prezado leitor a considerar solenemente as palavras do apóstolo João: “Acautelai-vos para não perderdes aquilo que temos realizado com esforço, mas para receberdes completo galardão. Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece, não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem assim o Pai, como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más” (S. João 8:11).